



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

LARISSA PETRUSK SANTOS SILVA

**UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE SUJEITOS QUE
GAGUEJAM PARTICIPANTES DE TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA EM
GRUPO**

**RECIFE
2013**

LARISSA PETRUSK SANTOS SILVA

UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE SUJEITOS QUE GAGUEJAM
PARTICIPANTES DE TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA EM GRUPO

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem, na linha de pesquisa **Processos de Organização Linguística e identidade social.**

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo.

CO-ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Vilar de Melo

RECIFE
2013

UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE SUJEITOS QUE GAGUEJAM
PARTICIPANTES DE TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA EM GRUPO

LARISSA PETRUSK SANTOS SILVA

Dissertação submetida à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Data: ___/___/2013

Banca Examinadora:

NADIA PEREIRA GONÇALVES DE AZEVEDO
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Orientadora

SILMARA DELA SILVA
Examinadora Externa – UFF - RJ

RENATA FONSECA LIMA DA FONTE
Examinador Interno – UNICAP – PE

RECIFE

2013

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Hamilton e Regilene, pelo cuidado a mim dedicado desde o início. Com um zelo indispensável e pontual. Se mil vidas tivesse, mil vidas gostaria de nascer como a filha caçula de vocês. Mainha e painho, sem vocês seria bem difícil. Vocês são os lugares onde meu coração descansa e se reestabelece.

Ao meu irmão e melhor amigo Hamilton Júnior. Deus foi bem generoso comigo quando te escolheu para ser a pessoa com quem eu ia compartilhar as memórias mais bonitas de toda minha vida. Tive um professor de Literatura que descrevia o nascimento do filho como um raio de sol que entra por uma brecha da janela iluminando os lugares ainda desconhecidos, fechados. Depois de Lara, minha sobrinha, sei exatamente como é se sentir iluminada, assim, como ele, por um raio de sol que entra descortinando a escuridão. Obrigada também por isso.

Toda minha gratidão e amor por vocês três.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por tudo. O Guimarães Rosa foi pontual quando afirmou que precisamos ter fé, afinal de contas, “as coisas estão todas amarradinhas em Deus!”.

Minha orientadora, prof^a. Dr^a. Nadia Azevedo. Na minha vida acadêmica, ela foi, desde a graduação, e é, na pós-graduação, a parte que acaricia, a parte branda e humana. Obrigada pela paciência, confiança, atenção, pelos ouvidos sempre disponíveis para ouvir meus questionamentos e queixas, por sorrisos e braços sempre abertos, por tudo e mais, e sempre.

Nadia é altamente gostável, adjetivo dado a Chico por Lispector. Parafraçando um poeta russo: Nos outros eu sei onde se abriga o coração, é no peito; nela, em Nadia, a anatomia ficou toda louca, é toda coração.

À prof^a. Dr^a. Silmara Dela Silva, pelas correções e considerações que contribuíram amplamente para a construção e conclusão deste trabalho. Professora de Análise do Discurso na pós-graduação, Silmara está inserida naquele pacote de surpresas risonhas que a vida traz, sempre disponível para ajudar, sempre somando. Meu agradecimento se estende desde o período das aulas de AD no início de Mestrado até aqui, gentilmente aceitando o convite de participar da minha banca de dissertação. Obrigada!

À prof^a. Dr^a. Renata da Fonte, sempre muito delicada ao fazer suas considerações no trabalho. Por toda colaboração, desde o PIBIC até a qualificação.

Agradeço a prof^a. Dr^a. Fátima Vilar, minha co-orientadora, com suas aulas de Psicanálise e Linguagem sempre preenchidas por poesia e sensibilidade. Pelos seus ensinamentos sobre o sujeito e linguagem. Bonito mesmo é encontrar gente que é poesia. Obrigada, professora!

Aos meus amigos que encontrei no Mestrado, especialmente: Reginaldo Santana, Elaine Daróz e Patrícia Ribeiro. Guimarães Rosa foi bem objetivo (e sábio) quando escreveu que “um bom amigo vale mais do que uma boa carabina”, vale sim!

Ao meu querido amigo Marcelo Schuler, presente em minha vida desde o ensino médio, quando éramos dois adolescentes chatos. Que sorte a minha de ter você por perto. Continuamos chatos, claro, no entanto, felizes por termos construído essa amizade. Obrigada pelas vezes que puxou minha orelha com: “e a tua dissertação, Larissa?”. Mais nove vezes nove anos de amizade para nós.

À Tatiana Cavalcanti que me acolheu tão bem no GEAG em dois mil em nove, quando me aproximei do discurso de sujeito que gagueja. Tati, amiga, obrigada pelos risos, abraços, memórias, e, sobretudo, por ser-amiga.

À tia Calasans por sempre acreditar em mim, com palavras de força e fé. Tia, obrigada por continuamente estar com as mãos estendidas prontas a ajudar.

Minhas amigas-fonos: Adriana Leite, Izabelly Santos e Daniele Veras, que me acolheram tão bem no grupo de afasia. Dri, é lindo esta tua força para encarar a vida, com você ela vai no amor ou na marra, mas vai. Belly, obrigada por escutar meus cansaços durante esse processo. Dani, que seu ânimo seja sempre o nosso.

Às amigas do meu querido grupo de leitura, o Porto Solar: Holanda Bonfim, Mirela Oliveira, Thaís Caminha e Tâmara Marília. Agradeço demais a vocês, ao nosso “grupo de resistência”. No processo de construção da dissertação, a torcida de vocês foi fundamental.

Não posso deixar de agradecer as minhas amigas-irmãs: Tássia Chaves, Fabiana Lima, Sandra Silva e Karla Teles, pessoas que fazem diferença na minha jornada. Que agrado bom para alma saber que, no mundo, existem vocês.

Aos sujeitos do GEAG, todos! Agradeço principalmente pelo muito que aprendi com vocês. Pelo afeto e atenção que foi construído e é tão importante para este trabalho.

Na verdade, não há quantidade suficiente de *obrigadas* a dizer a todas as pessoas que estiveram por perto. Aos que não me deixaram descansar, aos que cederam ouvidos. Sou muito feliz por todo carinho e afeto.

[...]

Dou importância às coisas desimportantes

E aos seres desimportantes

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais do que as dos mísseis.

Tenho em mim esse atraso de nascença

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

[...]

Manoel de Barros

RESUMO

Há uma vasta discussão nos estudos que consideram a manifestação e origem da gagueira. Frequentemente, os estudos tratam a gagueira como uma manifestação que se dá no plano do corpo: respiração, fator genético, hereditário, neurológico. Hoje, as propostas terapêuticas mais conhecidas seguem os princípios da Psicologia Experimental, Social, ou da Psicanálise, da Filosofia fenomenológica e, especialmente, da Biologia (neurologia e genética). Os estudiosos preocupam-se em apontar um local específico no corpo daquele que gagueja ou no levantamento dos sintomas. Nesta pesquisa, utilizaremos como aporte teórico a Análise do Discurso de linha francesa, tal como delineada por Pêcheux. A Análise do Discurso (AD) toma por base o discurso como estrutura e acontecimento, enquanto “efeito de sentido entre locutores” e propõe a noção de funcionamento. Ao analisar a gagueira a partir desse aspecto, propomos dar ênfase à produção discursiva do sujeito que gagueja. Ao afirmarmos assim, acreditamos que a gagueira é vista como acontecimento linguístico – discursivo, diretamente relacionado às condições de produção de quem fala. Os objetivos principais desta pesquisa serão analisar as características linguístico-discursivas da gagueira em sujeitos que gaguejam, participantes de terapia fonoaudiológica em grupo, e identificar formações imaginárias e discursivas no discurso de sujeitos com gagueira. Para a análise do discurso dos sujeitos que gaguejam serão utilizados recortes discursivos retirados de transcrições das gravações das sessões terapêuticas em grupo do Grupo de Estudo e Atendimento à Gagueira (GEAG) da UNICAP. O grupo é constituído por sujeitos adultos que apresentam queixa de gagueira na fala, que, após uma triagem fonoaudiológica, são encaminhados para o grupo terapêutico e, semanalmente, reúnem-se com as terapeutas. As sessões foram gravadas em áudio, posteriormente transcritas e analisadas à luz da Análise do Discurso. As análises se dão a partir de sequências discursivas, e, após as análises, nelas desvelam-se as formações imaginárias que o sujeito tem de si (como sujeito que gagueja) e de seus interlocutores. São conceitos como de antecipação, silenciamento, discurso de impossibilidade que se apresentam no discurso desses sujeitos. Na proposta terapêutica do grupo, os sujeitos são levados a questionar e o terapeuta interpreta e põe em questão o que foi dito pelo sujeito, levando-o a fazer reflexões sobre o próprio discurso. Conclui-se a dissertação, determinando o espaço discursivo como o lugar da gagueira, diretamente relacionado às condições de produção do sujeito. Nesse processo, vê-se a necessidade da resignificação da concepção de fluência e disfluência. Através das análises, reconhecemos as situações discursivas de silenciamento, estratégias de fluência que reafirmam o sujeito como sujeito-gago.

Palavras-chave: Gagueira, Análise do Discurso, Grupo de Gagueira, certeza do erro.

ABSTRACT

There is a broad discussion concerning the studies that ponder the origin and manifestation of the stuttering. Frequently, the studies face stuttering as a manifestation that happens throughout the body: breathing, genetics, heredity and neurological factors. Nowadays, the better known therapeutical proposals follow the principles of the Experimental and Social Psychology, or of the psychoanalysis, of the phenomenological Philosophy, and, specially, from the neurological and genetic biology. The scholars concern themselves about showing a specific spot in the body of the one who stutters or in the survey of the symptoms. In this research, the discourse analysis from the French school, as defended by Pêcheux will be used as theoretical basis. The discourse analysis has for foundation the discourse as structure and event, while "meaning effect between speakers" and suggests the functioning notion. When analyzing the stuttering through this aspect, we propose giving emphasis to the discursive production of the individual who stutters. When stating such idea, it is believed that the stuttering is seen as linguistic-discursive event directly related to the meanings of production of the speaker. The main objectives in this research will be to analyze the linguistic-discursive characteristics of the stuttering in stuttering individuals participants of stuttering speech-language pathologic treatment groups, and identify imaginary and discursive formations in the discourse of individuals who stutter. For the discourse analysis on the individuals who stutter, discursive extracts from taped group therapeutical sessions from the Grupo de Estudo e Atendimento à Gagueira (GEAG) in the UNICAP University. The group is constituted of adult individuals who claim voice stuttering, who after a speech-language analysis, are directed to the therapeutical group and, weekly, are reunited with the therapists. The sessions were recorded in audio, and then they were transcribed and analyzed through the discourse analysis point of view. The analysis are made through discursive sequences, and, after the analysis are done, on them the imaginary formations of the individual about himself (as stuttering individual) and of his companions is unveiled. Concepts such as anticipation, silencing, impossibility discourses are manifested in the discourse of the subjects. In the therapeutical proposal of the group, the subjects are leaded to question and the therapist interprets and questions what was spoken, leading the subject to reflect about his own discourse. The dissertation is concluded determining the discursive space as the stuttering space, which is directly related to the subject's means of production. In such process, the need of the reconception of fluency and hesitancy is identified. Through the analysis, the silencing discursive situations were recognized, which are fluency strategies that reassure the individual as stutterer.

Keywords: stuttering, discourse analysis, stuttering treatment group, mistake certainty

LISTA DE SIGLAS

AD - Análise do Discurso

GEAG - Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira

FD - Formações Discursivas

FI - Formações Ideológicas

UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco

NIDCD - Instituto Nacional de Desordens da Comunicação

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	21
“Tem mais presença em mim o que me falta”	21
CAPÍTULO I.....	25
SOBRE A GAGUEIRA: NO PERCURSO DE SUAS DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	25
1.1 Percursos sobre a Gagueira.....	27
1.2. A Perspectiva Linguístico-Discursiva e a Gagueira	39
Considerações sobre a Análise do Discurso	30
CAPÍTULO II.....	52
PERCURSO METODOLÓGICO	52
PROCEDIMENTO ANÁLISE DO DISCURSO	52

2.1. Análise do Discurso como Dispositivo de Análise	52
Uma disciplina de Interpretação	52
2.2. Pesquisa Qualitativa, Considerações Éticas e Constituição do <i>Corpus</i>	56
CAPÍTULO III	60
O DISCURSO DO SUJEITO QUE GAGUEJA: ENTRE EU E O OUTRO.....	60
Sequência discursiva 1.....	60
Sequência Discursiva 2.....	62
Sequência Discursiva.....	55
3.2. Sobre a antecipação... ..	64
Sequência Discursiva 4.....	67
Sequência Discursiva 5.....	69
Sequência Discursiva 6.....	70
3.3. Sobre a Impossibilidade de “Errar”	71
Sequência Discursiva 7.....	71
3.4. Sobre a Posição Sujeito que Gagueja... ..	72
Sequência Discursiva 8.....	72
3.5. Sobre as palavras que não podem ser ditas.....	76
Sequência Discursiva 9.....	76
3.6. Sobre Silenciamento.....	79
Sequência Discursiva 10.....	79
3.7. Sobre o “Mito” de fala perfeita... ..	82
Sequência Discursiva 11.....	82
Sequência Discursiva 12.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS	80
ANEXO	95

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.

[Manoel de Barros, em "Retrato do Artista Quando Coisa"]

“Tem mais presença em mim o que me falta”

A escolha por uma teoria é um acontecimento que vai além do científico. Nos “achismos” da vida, imagino que deve ocorrer algum tipo de “identificação” da teoria com o ser humano que o estudante/pesquisador é, e conseqüentemente, com os sujeitos que constituem sua pesquisa. Somos capturados pela perspectiva teórica ou, em um momento de tomada de posição, fazemos uma escolha pela teoria? Para este momento, irei considerar a forma como a Análise de Discurso de linha francesa, dispositivo analítico e teórico para a presente pesquisa, lança um olhar sobre linguagem e sujeito.

Acreditamos que, de alguma forma, nos percursos da vida, sempre houve uma aproximação com essa teoria. Em mim (“nós”), enquanto sujeito: presente na “falta” que inquieta o ser. Para a AD: a incompletude. Um conceito importante e decisivo na teoria e, destinado a mim, um ser desejante, como aquilo que me faz caminhar. Originária da cidade do Cabo de Santo Agostinho, filha caçula de pais professores, apaixonada pela história que o(s) outro(s) carrega(m) e com ouvido acostumado à sensibilidade. Quando criança, considerava-me a garota mais feliz da rua, porque sabia reconhecer que minha mãe era dona de uma grande quantidade de livros e possuidora de uma atenção redobrada enquanto observava meu pai cuidadoso limpando os vinhos.

Foi natural o caminho percorrido até a escolha do curso de Letras. No percurso do curso, foram encontrados caminhos, palavras e pessoas que podem justificar uma

vida, esta vida, este trabalho. Através das descobertas dentro das palavras, letras e leituras, foram-se trançando encontros comigo e com os “comigos de mim”.

Na vida acadêmica, a proximidade com a Análise do Discurso, fundada pelo filósofo Michel Pêcheux, aconteceu no meio do curso de graduação quando fui escolhida (encontrada?) para participar de uma pesquisa de Iniciação Científica no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica).

A proposta da pesquisa era abordar a gagueira de um ponto de vista diferente daqueles geralmente estudados pela Fonoaudiologia. No trabalho de pesquisa, a gagueira foi estudada aproximando o sujeito da teoria, caminho oposto àquele utilizado pelas grandes teorias da Fonoaudiologia quando estuda a gagueira. Para a análise da pesquisa, em meados do ano de dois mil e nove, comecei a participar e acompanhar o GEAG (Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira), na UNICAP, grupo composto por fonoaudiólogas e pessoas adultas que gaguejam. O grupo trouxe e traz muitas surpresas e, até hoje, a aprendizagem é contínua, além da escuta, do estudo e da análise do discurso do sujeito que gagueja.

Não foi preciso muito tempo para ser capturada por tudo que estava incluso na pesquisa: teoria, gagueira, sujeitos, discurso. Naquele momento, a Análise do Discurso justificava a minha presença, como estudante de Letras, perto da Fonoaudiologia (perto da gagueira), assim como justificava (justifica) a gagueira perto e para além da Linguística, considerando que a AD não está contida na Linguística, porque questiona a própria, e emprega conceitos, descolando-os.

Nesta abordagem, recorre-se a AD para distanciar o estudo da gagueira de perspectivas positivistas, compreendida, aqui, a partir de uma teoria linguístico-discursiva. Observa-se assim, como o sujeito significa e faz significar, levando em consideração sua história e, ainda, o processo de produção da linguagem. Em um congresso de Linguística, uma frase veio até mim: “Pensar a linguagem é uma maneira de abalar a linguagem”. Não encontrei o seu “autor”, mas, de qualquer forma, ela, a frase, me faz refletir e levar em consideração que: pensar a linguagem é uma forma de pensar o (no) sujeito. Pensar no sujeito de linguagem e da linguagem. Não poderia me distanciar de um caminho que me acolheu tão bem e conduziu o meu olhar para a linguagem de uma maneira que já estava aqui, em mim, como sujeito. Assim, esta dissertação é uma continuação (e construção) daquilo que foi iniciado na graduação.

Mesmo com o final da graduação, até a decisão de participar da seleção de Mestrado, a participação no GEAG não foi interrompida. Desta maneira, a proposta foi dar continuidade ao estudo que considera a abordagem discursiva dada à gagueira, e a análise do discurso do sujeito que gagueja. Existem poucos estudos que levam em consideração a gagueira sob um ponto de vista de uma teoria da linguagem. Todas as teorias apresentam contribuições ao estudo da gagueira, mas a maioria dos estudiosos estudou a gagueira distanciando-se de uma teoria linguística e, por isso, se afasta da linguagem, afastando-se, conseqüentemente, do(s) sujeito(s).

Pensar a partir dessa abordagem é destacar que a gagueira está situada em um espaço diferente do que foi apresentado por outros estudiosos da área fonoaudiológica, desta forma, contrapondo os estudos que observam a gagueira com um olhar externo ao sujeito (contexto comportamental, ambiente, gagueira adquirida).

A partir disso, este trabalho pretende analisar o discurso de sujeitos que gaguejam participantes da terapia em grupo. Mais especificamente, visa a investigar o discurso dos sujeitos do GEAG sobre a gagueira, bem como analisar as formações imaginárias do discurso de sujeitos, suas tomadas de posição e seus deslocamentos.

Desta forma, destacar que a gagueira está situada em um âmbito diferente, compreendendo a importância de se considerar a linguagem na relação com as condições de produção do discurso, no foco do trabalho com sujeitos que gaguejam.

A trajetória, nesta dissertação, se dá pelo interesse da inclusão do sujeito na pesquisa. Deste modo, o objeto de estudo não é a gagueira, mas o discurso do sujeito que gagueja. A abordagem escolhida para discutir a gagueira distancia-se de uma perspectiva que deixa “escapar” a linguagem, considerando que sujeito é da e para linguagem.

Assim, a organização se dá, inicialmente, com o objeto de análise escolhido: o discurso do sujeito que gagueja. Fazendo um percurso na teoria fonoaudiológica e apresentando as abordagens dadas à gagueira e seus estudiosos, percorreremos um caminho dos estudos atuais e consideráveis abordagens sobre gagueira; posteriormente, a aproximação dos estudos a uma teoria de linguagem. Ainda nesse capítulo, fundamento a perspectiva teórica escolhida para este trabalho: a Análise do Discurso de linha francesa, suas concepções, aproximações e o lugar do sujeito. Por fim, encerro o capítulo inicial, dissertando sobre a articulação da AD com a gagueira.

A proposta do segundo capítulo é traçar o procedimento analítico. A constituição do dispositivo teórico e analítico utilizado neste trabalho. O procedimento metodológico faz com que o leitor compreenda o papel do analista do discurso, munido da teoria discursiva *pecheuxtiana*, (em) frente ao discurso dos sujeitos que participam do grupo de gagueira.

No terceiro capítulo deste trabalho dissertativo, apresento as análises e os resultados das análises, tomando por base os preceitos teóricos da AD defendidos pelo seu fundador e maior pensador Michel Pêcheux (1969), difundida e maximizada por Orlandi (2007), Indursky (2005) e tantos outros aqui no Brasil que contribuem para o fortalecimento dessa teoria. Utilizo sequências discursivas analisadas para caracterizar o funcionamento discursivo, interpelado pela teoria, e, assim, mostrar as respostas às questões e àquilo que foi pretendido nos objetivos proposto por este trabalho.

CAPÍTULO I

SOBRE A GAGUEIRA: NO PERCURSO DE SUAS DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS

O homem nasceu para aprender,
aprender tanto quanto a vida lhe permita.

Guimarães Rosa

Neste capítulo, apontaremos pesquisadores na literatura fonoaudiológica que estudaram a gagueira contribuindo e ampliando a compreensão e discussão deste distúrbio. Na perspectiva linguístico-discursiva, e será aqui utilizada, nos referimos à gagueira como um distúrbio da linguagem, nos distanciando dos teóricos e de suas respectivas perspectivas que tratam a gagueira como uma patologia. O modelo positivista (perspectiva psicológica, neurológica ou genética) refere-se à gagueira como patologia e atribui a ela um local (no corpo do sujeito): função cerebral, de nível articulatório (interrompendo o fluxo da fala). Na genética, nomes como Felsenfeld (2000) têm se empenhado para desvendar o mapa genético da gagueira. Na perspectiva neurogênica, estudiosos como Blanken (1993) e Manning (2010) estudam os aspectos neurológicos, com observação comportamental do indivíduo que gagueja. Canevini (2002) refere-se à gagueira como um transtorno de fluência, caracterizado pela ocorrência frequente de um ou mais sintomas: repetições, bloqueios, prolongamentos, hesitações. Na tentativa de identificar uma origem e/ou local para gagueira, o foco desses teóricos fica no organismo e tratam a gagueira como doença.

Dessa forma, na literatura fonoaudiológica, as repetições, as pausas, os bloqueios são fatores linguísticos que, geralmente, encontramos para definir ou conceituar a gagueira. No entanto, esses, ora são esquecidos para identificar um lugar para a origem da gagueira, ora são substituídos pelos fatores orgânicos, sociais, psicológicos, emocionais. Assim, na maioria dos estudos sobre a gagueira, o que encontramos fica em torno de discussões como a relação de causa *versus* efeito (da gagueira) ou fluência *versus* disfluência. Nesta pesquisa, não trataremos a gagueira como uma doença passível de cura. Pensando dessa forma, a gagueira não se encontra localizada no corpo do sujeito que gagueja, mas em um espaço diferente: o discursivo.

Será que a palavra “distúrbio” “define” a gagueira como pensa nossa perspectiva? Trataremos a gagueira como distúrbio de linguagem, porque o termo afasta-se do pensamento que trata a gagueira como doença. De uma maneira geral, quando a nomeamos como *doença* remetemos a uma “cura” e também a um local (corpo do sujeito). Aqui, referimos o distúrbio como uma interrupção de uma continuidade (da fala). Assim, o sujeito que gagueja é fluente e apresenta momentos de gagueira e não o inverso. Ao mesmo tempo, os momentos de gagueira geram estranhamento no outro, que interpreta a fala gaguejada como um distúrbio. Para tanto, é importante que o próprio sujeito que gagueja também se identifique dessa forma, ou seja, que fale sobre a sua gagueira.

Antes de trazer referências na literatura específica, expomos aqui o que seria o primeiro registro de gagueira. Afirma-se que Moisés (Êxodo 6:30), no Antigo Testamento, tinha a “língua pesada”. No entanto, não há evidências históricas de que seria uma gagueira. Comentaristas bíblicos afirmam que Moisés, ao alegar possuir uma “língua pesada”, falava em relação à “eloquência” (Êxodo 4:10) e não se referia ao fato de apresentar gagueira. A palavra “gago” aparece uma vez na Bíblia. Em Marcos 7:32-35, fala-se sobre a cura de um homem surdo e gago, afirmando que, depois que Jesus o tocou, “abriram-se lhe os ouvidos, e logo o impedimento da língua se desfez, e falava perfeitamente”. A partir desse dizer da Bíblia, é interessante pensarmos naquilo que Pêcheux (1999) trouxe como memória discursiva, pois, assim, todo discurso é constituído a partir de uma memória e esquecimento de outro:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Essa memória discursiva, no primeiro dizer da Bíblia, corrobora ou “concede” sentido à discursividade que trata a gagueira como uma “doença passível de cura”. Para Pêcheux, a memória não são repetições, nem “colagens” de frases feitas no passado, é aquilo que é reconstituído pelas operações de paráfrases. São dizeres já ditos, esquecidos e que constituem sentido com o embate de outros sentidos.

Neste capítulo, também discutiremos apontamentos da análise do discurso. É importante esclarecer que não trabalharemos o lugar teórico da AD em sua totalidade (o que também seria impossível), mas enfatizaremos questões que contribuirão para compreensão da relação da AD com o objeto de estudo escolhido. Traremos conceitos que utilizaremos na análise do corpus do trabalho e considerações sobre o sujeito da AD.

1.1 Percursos sobre a Gagueira

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica
nem com balanças nem barômetros etc.
Que a importância de uma coisa há que ser medida
pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Manoel de Barros

Apesar da enorme quantidade de estudos e das diferentes abordagens, a gagueira ainda esbarra em concepções do senso comum e, apesar das mudanças progressivas em relação ao contexto midiático e social, a luta para desvincular a gagueira como aquilo que é engraçado é intensa. Neste capítulo, apresentaremos considerações do autor Charles Van Riper (1971), um dos maiores estudiosos sobre gagueira, um dos pioneiros, e pensador que influencia até hoje trabalhos sobre gagueira dentro do campo fonoaudiológico. Mencionaremos estudos de autores que fazem considerações através de diferentes perspectivas, especificamente, cinco abordagens: psicologia experimental, social, neurociência, genética e teorias que pensam a gagueira discursivamente (com o aporte de teorias da linguagem). Desta maneira, seguiremos uma trajetória na qual aproximaremos estudos que pensam a gagueira a partir de teorias da linguagem à proposta deste trabalho, que é considerar a gagueira numa perspectiva linguístico-discursiva, discutindo a certeza *a priori* do erro que o sujeito que gagueja apresenta.

Para iniciar a trajetória das diferentes visões sobre a gagueira, traremos o estudioso Wendell Johnson (1955), gago desde criança, que compreendia a gagueira como comportamento aprendido. Ou seja, para Johnson, a gagueira não começaria na boca da criança, mas no ouvido dos pais. De acordo com sua biografia, ele ficou obcecado pela sua fala, após um professor dizer aos seus pais que ele estava

apresentando gagueira. Para o autor, os fatores externos causariam a gagueira, não características pessoais ou emocionais do indivíduo. Para comprovar a sua teoria, o autor fez um estudo com grupos de crianças. Gretchen Reynolds apresentou um dossiê no *The New York Times* (2003), intitulando os estudos de Johnson como um dos mais “antiéticos” da história da ciência. De acordo com relatos dos sujeitos das pesquisas e registros históricos, o estudioso recrutou algumas “crianças fluentes” em um orfanato, para que, ao serem rotuladas como gagas, pudessem “adquirir gagueira”. O autor queria provar que a gagueira pudesse ser trazida à tona em crianças “não-gagas”, provando, assim, que se tratava de um comportamento aprendido.

O único impacto consistente do experimento realizado por Reynolds, orientanda de Johnson, estava relacionado não à fluência das crianças em estudo, mas ao seu comportamento, uma vez que todas começaram a agir de forma defensiva.

“Todas as crianças deste grupo sofreram mudanças comportamentais evidentes, mudanças que lembravam muito as reações de inibição, suscetibilidade e embaraço encontradas em muitos adultos com gagueira em relação à sua fala. Houve uma tendência clara de as crianças se tornarem menos falantes” (REYNOLDS, 2003, p. 39).

Em 2007, a corte de Iowa determinou que o estado pagasse indenização às vítimas do “infame experimento da década de 30, que pretendia provar que a gagueira era um comportamento aprendido”. O experimento foi intitulado como “Estudo Monstro” e, apesar das contribuições no estudo da gagueira por Johnson, depois de ser muito utilizada, essa abordagem terapêutica vem sendo desconsiderada em todo o mundo.

Van Riper (1972; 1982) é um autor que se interessa por descrever a gagueira e propor sua terapêutica de modo inovador. A maioria de seus estudos se caracteriza por abordagens positivistas do problema, observável de imediato. Ele afirma que “a gagueira ocorre quando o fluxo da fala é interrompido pela ruptura motora de um som, sílaba ou palavra quebrada ou pelas reações do falante a isto” (VAN RIPER, 1982, p. 447). A abordagem positivista leva em consideração o método quantitativo, assim, direciona-se para uma perspectiva que aceita o comportamento humano como sendo resultado de forças, fatores, estruturas internas e externas que atuam sobre as pessoas, gerando resultados definitivos. Os estudos de Van Riper, ancorados nessa abordagem, propunham um controle dos sintomas e/ou comportamentos da gagueira.

Devemos considerar que, assim como Johnson, Van Riper era gago e falava a partir dessa posição. O estudioso demonstra exhaustivamente, em sua obra, estratégias utilizadas pelo sujeito que gagueja e os aspectos emocionais pelos quais passam esses sujeitos quando submetidos a determinadas situações. Van Riper diz que a definição exata da gagueira sempre trouxe dificuldade, e isso porque a única pessoa que sabe o que é, realmente, a gagueira é o próprio gago. Segundo o autor, a gagueira é a ruptura de uma unidade mínima que interrompe o fluxo da fala. Van Riper é um dos que advogam a tese da multicausalidade da gagueira, afirmando: “a gagueira tem sido nomeada como mistérios, charada, é mais do que isso: gagueira é como um quebra cabeça complicado, multidimensionado, com muitas peças ainda faltando” (VAN RIPER, 1972, p. 326). O autor relaciona a gagueira ao nível articulatório. Contrariamente, o mesmo autor enfatiza que “a gagueira é primariamente um problema dos aspectos temporais da fala, não de suas características articulatórias, fonatórias ou simbólicas” (VAN RIPER *apud* Meira, 1983).

As duas formas de observar a gagueira que apresentamos até aqui se encontram no ato de fala, relacionadas à articulação de sons ao tempo de duração de um espasmo. Ainda em seus escritos, o autor relata que em determinadas situações - cantando, representando, falando sozinho, com crianças, animais - o sujeito-gago não gagueja, ou seja, reafirma que o sistema fono-articulatório não se encontra alterado.

Empenhando-se na tarefa de descrever a gagueira, Van Riper distingue o que ele chama de *comportamentos expressos* e *comportamentos encobertos*. Os comportamentos expressos básicos são as repetições, os prolongamentos e bloqueios, estes ocorrem em todos os gagos; os comportamentos encobertos são os que se referem aos sentimentos, às reações e atitudes do gago. Esses últimos, Van Riper (1972) os considera difíceis de definir e medir com a objetividade necessária. Pensando dessa forma, o autor desconsiderava e afastava, em seus estudos, a possibilidade de a origem da gagueira ser psicológica.

Azevedo (2000; 2006) afirma que Van Riper contribuiu para a Fonoaudiologia, ao identificar e nomear os comportamentos manifestos, permitindo uma descrição apurada dos mesmos, uma vez que são visíveis, antecedem, sucedem ou ocorrem simultaneamente à gagueira. Por outro lado, os comportamentos encobertos carecem de

uma formulação teórica que lhes ofereça concretude e, conseqüentemente, uma configuração que possibilite o trabalho terapêutico. A sua proposta terapêutica ainda é utilizada. A técnica de Van Riper (1973) foi chamada de “gagueira fluente”, a ideia é que se incluam técnicas específicas para manter a fluência e diminuir o medo de gaguejar. Em sua terapia, devem-se incluir exercícios comportamentais, como anulação da palavra gaguejada a emissão suavemente do fonema que o sujeito iria gaguejar, ou seja, “corrigindo” comportamentos. Assim, o aporte teórico em que esse autor se ancora reduz a língua ao domínio do comportamento verbal.

Outra perspectiva mais amplamente aceita para explicar a gagueira é aquela que propõe a existência de um componente genético que fornece uma “predisposição biológica” para a gagueira. Seriam os “genes para gagueira”. Felsenfeld (1997) afirma que o que é transmitido geneticamente é a tendência para gaguejar, mas não a gagueira em si. A manifestação da gagueira sempre dependerá da relação com o ambiente. Assim, observamos que os fatores externos não se afastam dessa perspectiva. As teorias que consideram que existem “genes para gagueira” afirmam que o fato de apresentar herança genética para a gagueira não implica, necessariamente, que o sujeito irá manifestá-la.

Em 2010, pesquisadores do Instituto Nacional de Desordens da Comunicação (NIDCD) em Boston, descobriram três genes envolvidos na origem da gagueira. Essa pesquisa foi constituída levando em consideração genes específicos para a gagueira. Assim, a descoberta foi de que dois dos três genes relacionados à gagueira sofreriam mutações, que já haviam sido associadas anteriormente a duas desordens metabólicas que afetam a reciclagem celular. Essa pesquisa foi realizada em pessoas que já possuem gagueira. Devemos considerar que as pesquisas com genes sobre gagueira são trabalhadas com uma pequena amostragem, em um quantitativo mínimo de indivíduos. De acordo com o *The New England Journal of Medicine* (2010), as alterações desses genes foram encontradas em apenas uma pequena proporção dos indivíduos analisados e 95% dos casos ainda necessitam ser esclarecidos. Para os pesquisadores, tal resultado reforça a ideia da complexidade genética da gagueira.

Ehud Yairi (2005), pesquisador da Universidade de Illinois, afirma que crianças que gaguejam e que têm uma história familiar de gagueira crônica tendem a seguir o

mesmo padrão. Da mesma forma aconteceria se crianças que têm uma história familiar de recuperação espontânea, seguissem esse padrão de recuperação.

As pesquisas que consideram que a gagueira seja hereditária, apesar da força da pesquisa genética, devem ser e são questionadas. De acordo com Drayana (2012), em um artigo da *Stuttering Foundation of America*, esses estudos explicam cerca de 10% de gagueiras persistentes em famílias. Os estudiosos consideram que é pouco provável que a gagueira seja transmitida por meio de um padrão *simples* de herança. Assim, as pesquisas consideram que a gagueira é um caráter herdável, apesar de um modelo genético de herança não ter sido ainda claramente definido.

Andrade e Bohnen (1999; 2002) também apresentam uma visão organicista da gagueira, apresentando outros componentes que poderiam estar relacionados à sua origem, como os hereditários, biológicos, psicológicos, linguísticos e sociais. Assim, fica clara em suas pesquisas, uma forte sustentação biológica, com uma proposta avaliativa e terapêutica.

Bohnen (2009) ressalta que todos estes fatores, a hereditariedade, as questões genéticas e os aspectos neurofisiológicos, influenciam na produção da linguagem das pessoas que gaguejam. A autora acredita na multicausalidade (aproximando-se dos estudos de Van Riper) da gagueira e afirma que, mesmo com a predominância da neurolinguística, existem variáveis interferindo na produção da linguagem.

Andrade (2004) usa termos como “ruptura comum” e “ruptura gaga” e, através de pesquisas com neuroimagens, acredita numa alteração “em relação a uma assimetria funcional inter-hemisférica”.

As rupturas no fluxo da fala podem ser diferenciadas pela tipologia, ou seja, certas rupturas são comuns a todos os falantes e refletem fundamentalmente as incertezas e imprecisões linguísticas, ou ainda, visam ampliar a compreensão da mensagem. Essas rupturas podem ser consideradas como comuns (hesitações, interjeições, revisões, palavras incompletas, repetições de palavras, segmentos e frases). Existem algumas rupturas que embora possam ocorrer esporadicamente para todos os falantes, são sugestivas de um maior comprometimento do processamento de fala. Essas rupturas são classificadas como rupturas gagas: repetições de sons e sílabas, prolongamentos, bloqueios, intrusões de sons e segmentos e pausas longas. (ANDRADE, 2004. p.71-94).

Em todas as perspectivas apresentadas até agora, sujeito e linguagem são excluídos e incluem-se aspectos exteriores ao sujeito. Em seus lugares, está a gagueira, o corpo, a quantidade de sílabas gaguejadas, o seu comportamento.

De acordo com Ribeiro (2005), é na década de 1960 que as pesquisas com novas técnicas neurológicas se desenvolvem. Com a chegada da neurociência, em 1970, os pesquisadores começam a se afastar de pesquisas que consideram apenas os fatores externos e comportamentais para considerar fatores internos, elementos originados dentro do organismo. Com as novas técnicas de imagem cerebral, sabe-se do funcionamento do cérebro e, com mais clareza, como seria a produção da fala. Assim, as novas pesquisas poderiam observar e examinar o cérebro do indivíduo que gagueja.

Neste momento, devemos considerar que existe a gagueira causada por lesões neurológicas. É importante ressaltar que ela se afasta da proposta apresentada neste trabalho. De acordo com Sandra Merlo, fonoaudióloga do Instituto Brasileiro de Fluência, essa gagueira tende a ser originada por Acidente Vascular Cerebral (AVC), traumatismo craniano, ou doenças neurodegenerativas (como esclerose múltipla). O início da gagueira tende a ser abrupto, geralmente sendo verificado logo após a ocorrência da lesão. Salientamos que trataremos aqui da gagueira que se origina na infância, a chamada “gagueira do desenvolvimento” ou “gagueira sofrimento”, termo cunhado por Friedman (1994).

Jancke, Hanggi e Steinmetz (2004) afirmam que há indícios de que indivíduos que gaguejam mostram assimetrias anatômicas de áreas do cérebro relevantes para a fala, o que possivelmente interferiria na fluência. Sommer, Koch, Paulus, Weiller e Buchel (2002) teriam considerado em seus resultados de estudos de neuroimagem funcional que a gagueira poderia estar relacionada à redução da dominância do hemisfério esquerdo, o que acarretaria uma hiperativação das áreas motoras e pré-motoras do hemisfério direito. Os estudos consideram que, em pessoas fluentes, o hemisfério esquerdo, normalmente dominante para funções linguísticas, fica mais ativo durante tarefas que envolvam fala e linguagem.

Em 2008, em um artigo publicado na *The Brain Unmasked*, Van Wedeen afirma que neurocientistas do Massachusetts General Hospital estavam estudando técnicas de difusão em ressonância magnética para obter imagens detalhadas da arquitetura de nossa complexa rede neuronal, estudando melhor a base neurológica de condições como a gagueira, o autismo e a dislexia. Mesmo considerando que não há uma causa física aparente para essas condições surgirem, os estudiosos salientam que tentar entender a

base neurológica deve levar a formas mais eficazes de diagnosticar e prevenir precocemente o desenvolvimento dessas condições.

Bohnen (2009), fazendo considerações sobre as imagens captadas pela neurociência, conclui que há um consenso nos resultados das pesquisas sobre gagueira que utilizam os estudos da neuroimagem. A conclusão da perspectiva abordada é que a gagueira é proveniente de uma falha na ativação do lobo temporal durante a fala, contribuindo, assim, para uma dificuldade no processamento na organização sequencial da fala.

Uma observação que devemos levar em consideração é o modo como essas pesquisas se distanciam do “sujeito”, sujeito que constitui-se na e pela linguagem. Não questionamos as contribuições das pesquisas neurocientíficas para o entendimento da gagueira. No entanto, os teóricos apresentados estudaram/estudam a gagueira distanciando-se de uma teoria linguística e/ou do sujeito; leais às suas perspectivas teóricas, afastam-se do sujeito e da linguagem. Nessas pesquisas, os estudiosos observam a gagueira com um olhar externo ao sujeito, o que cria uma representação da gagueira, que acaba se transformando em conceito.

Antes de apresentarmos as pesquisas sobre gagueira que se aproximam de teorias que contemplam a linguagem, traremos algumas considerações de Friedman (1994, 1996, 1997a, 1997b, 2001, 2004) que estuda a gagueira sob um ponto de vista do Materialismo Histórico, na área de Psicologia Social. Friedman (2004) situa a origem da gagueira na primeira infância. Para a autora, a criança passa pela fase de gagueira natural e os pais a apontam como disfluência, identificando a criança como gaga. Friedman (2004, p. 9) vê “a causa da manifestação da gagueira não no indivíduo, mas no processo de suas relações com o outro”.

Friedman (2004) ainda afirma que a família, muito comumente, passa a identificar a criança como gaga, angustia-se e cobra dela uma postura linguística incompatível para aquele momento. Se a criança der valor às reações dos outros que a veem como gaga, no seu psiquismo poderá formar-se uma imagem de mau falante, um falante que ela não gostaria de ser. Isso poderá levá-la a ter medo de sua maneira espontânea de falar e ao mesmo tempo, sua vontade natural será a de tentar corrigir a fala para não ser rejeitada.

Segundo Friedman (1997b), estudar a gagueira sob a perspectiva da Psicologia Social levou-a a estabelecer uma relação entre ideologia e movimento da consciência e, conseqüentemente, falar pouco sobre a linguagem. A autora discute questões pertinentes à possibilidade da causa da gagueira ter relação ao modo de como funciona o psiquismo diante de certos valores, crenças e ideologias que circulam na sociedade, ou seja, como valores, crenças e ideologias transmitidos de pessoa para pessoa no convívio cotidiano atuam como moldes de funcionamento psíquico. A autora discute sobre a ideologia estigmatizada do falante, e é nesse respaldo que propõe a sua terapia, a ressignificação da autoimagem de “mau falante”.

Na sociedade existe um padrão de fluência: o mito sobre a *fluência da fala*, a imagem de um falante que jamais gagueja ou em raras situações apresenta uma repetição silábica ou uma hesitação. A autora afirma que quando esse mito está presente no processo de socialização primária, pode levar a interpretações prejudiciais e indesejáveis de momentos de fala repetitivos, disfluentes. Segundo a autora, abre-se a possibilidade de que sentidos negativos se ancorem subjetivamente às vivências de produção de fala. A visão de mau falante fará parte da construção da versão de si como pessoa (FRIEDMAN, 2001 p.136). Friedman (2003) diz que esse efeito gera um processo de previsões do aparecimento das disfluências, e afirma que

isso tem efeitos peculiares sobre a produção da fala no plano da objetividade, especialmente o aparecimento de tensões musculares ao falar, inaugurando um novo modo de produção de fala. A esse processo subjetivo/objetivo de produção de fala chamamos de gagueira sofrimento (FRIEDMAN, 1985, 1994, p.118).

Os estudos de Friedman se aproximam com a nossa perspectiva teórica e abordagem terapêutica quando também questionamos o termo “fluência”, ao interrogarmos os sujeitos participantes do grupo de terapia se existe uma “fala perfeita”, sem deslizes. Incluímos no conceito de fluência o termo disfluência. Desta forma, apresentar “falhas” é parte integrante e natural da fala fluente das pessoas, “enfraquecendo,” assim, o mito de fluência total. É muito comum o sujeito que apresenta queixa de gagueira chegar ao Grupo de Estudos e Atendimento da Gagueira (GEAG – UNICAP) comparando sua fala e querendo “uma fala perfeita como a do

William Bonner¹”. Para desmistificar esse mito de fala perfeita, é interessante pensarmos em caracterizar a disfluência como componente indispensável no conceito de fluência.

Disfluência é um fenômeno comum na fase em que as crianças estão estruturando a linguagem. É um fenômeno comum da linguagem, são “falhas” que estão na constituição. Por exemplo, a criança no processo de aquisição da linguagem pode ser disfluente, repetindo uma ou duas vezes sílabas ou palavras. A fala com gagueira, geralmente, vem acompanhada com a tensão dos músculos faciais, bloqueios, hesitações e o sujeito substituirá/evitará palavras. Já na disfluência infantil, a criança não percebe esses momentos.

Friedman (2001), procurando entender a manifestação da gagueira, passa a observá-la sob dois aspectos: a gagueira natural e a gagueira sofrimento. A gagueira natural seria a gagueira que acontece no contexto de produção da fala, o que nega a fluência absoluta. A gagueira sofrimento seriam as possibilidades de que sentidos negativos se filiem a momentos de produção de fala, ou seja, os momentos da fala com hesitações, bloqueios, prolongamentos, de interação face a face, momentos que caracterizam disfluência ao sujeito.

A partir da visão dialético histórica, Friedman (2012) afirma que o foco é no sujeito e sua história, apoiando-se na relação entre interno-externo, e a autora insere a “Ideologia do Bem Falar” como elemento importante para entender relações entre fluência, disfluência e gagueira. Nessa abordagem, privilegia-se a relação entre o sujeito e a sociedade, e focaliza-se o funcionamento do sintoma na subjetividade, afastando-se, assim, de uma preocupação em definir, explicar e categorizar a gagueira.

De acordo com Friedman (2012), nessa abordagem, a avaliação e o processo terapêutico que se segue faz-se a partir da dialogia, na qual o terapeuta escuta a narrativa do paciente/família, a fim de tomar contato com as significações presentes na queixa, no caso a disfluência ou gagueira como sintoma de fala, na história de vida e nas crenças ali implicadas e transmitidas na sociedade.

¹ Recorte discursivo retirado de uma transcrição de sessão terapêutica do Grupo de Estudo e Atendimento sobre Gagueira da Universidade Católica de Pernambuco.

Freud (1888; 1980), em “Estudos sobre Histeria,” registra a primeira aproximação entre gagueira e psicanálise. O fundador da Psicanálise acompanhou um caso de gagueira de uma baronesa, Frau Emmy von N., gagueira acompanhada de tiques, entendida pelo estudioso como o desejo de falar e calar.

Cunha e Gomes (1996) abordam psicanaliticamente o sintoma gagueira. As autoras propõem utilizar o pensamento psicanalítico como referencial teórico da fonoaudiologia, considerando assim o inconsciente presente na formação do sintoma gagueira. As autoras chamam a atenção aos casos de gagueira nos quais o terapeuta precisa escutar além da queixa da gagueira. Em suas considerações, o referencial é o enfoque psicanalítico freudiano e a causa da gagueira seria o sofrimento pela separação do outro.

Assim como Cunha e Gomes (1996), Kelly (2001) pensa a gagueira em suas estruturas clínicas, as neuroses, especificamente como uma fobia. De acordo com Kelly,

a gagueira faz surgir uma cumplicidade no ouvinte, que, como ele, finge que há realmente uma só coisa a impedir a comunicação total. Enganam-se, perversamente, em torno desta possibilidade de harmonia ouvido-boca onde o que falta é varrer a disfluência (KELLY, 2001, p. 73-74).

Assim, a escolha pela fobia faz com que o “portador” ache que há realmente uma só coisa a impedir a sua comunicação oral. A autora conclui que na gagueira deve ser reconhecida a transformação da angústia da castração em “terror infindo”.

Dentre os estudos mais recentes sobre a gagueira a partir de uma perspectiva de uma teoria da Linguagem, temos Carneiro (2006). Na discussão, a autora propõe uma análise da gagueira infantil a partir da compreensão do duplo caráter da linguagem conforme Jakobson (1995), em seus estudos. A autora faz uma análise a partir dos dois eixos (metafórico e metonímico) e traz informações relevantes sobre o funcionamento linguístico da gagueira.

Baseada na compreensão do duplo caráter da linguagem proposto por Jakobson (1995), a autora baseia-se nos dois eixos de funcionamento e supõe que o que acontece com o gago é uma questão de seletividade, no nível dos fonemas ou no nível das palavras. Carneiro (2006, p. 4) afirma que “a seleção parece estar afetada, não por uma dificuldade de acesso, como seria o caso nas afasias, mas porque o gago está

“cristalizado”, ou aprisionado na escuta da própria fala”. O estudo direciona-se para a cristalização do sujeito no eixo paradigmático, fazendo com que o sentido fique “suspenso”, tanto no ouvido como no próprio sujeito.

Em outra perspectiva no estudo da gagueira, Curti (2010) propõe uma discussão do conceito de unidade em Saussure e sua relação com a fala da criança com gagueira. A autora afirma que tal enfoque promove reflexões sobre o processo pelo qual a criança passa a ser falante, capturada pela língua materna por meio da interação com o outro - aquele que interpreta a fala da criança e a introduz na língua constituída. De acordo com a autora, a perspectiva também leva a questionar os erros, da heterogeneidade da fala inicial da criança.

Empregando as relações dialógicas como relações de sentidos entre os falantes, Ferrioli (2002) utiliza Bakhtin, e propõe a análise dialógica do discurso como proposta clínica fonoaudiológica nos casos de disfluência na fala. Em seus estudos, a autora afirma que a fluência da fala não se processa somente dentro do cérebro ou pela tensão muscular na região oral ou cervical, mas antes disso, no âmbito discursivo. A pesquisadora afirma que o clínico deve levar em consideração, em sua proposta terapêutica em caso de gagueira, a questão da discursividade. A partir de considerações de Lacan (1932; 1998), quando a criança pequena identifica sua imagem no espelho e começa a se reconhecer como alguém separado do outro, a autora afirma que se essa criança, em suas interações por trocas discursivas, for colocada em um lugar de sujeito gaguejante, será dessa perspectiva que ela se reconhecerá. Ferrioli (2005) destaca que o sujeito que gagueja repete e, através da repetição, retroage sempre a algo que ficou interditado, ou seja, essa gagueira possui ligação com a forma com que se relacionou com o Outro, desde a infância.

Apesar de considerar a discursividade, os estudos de Ferrioli (2005) se afastam da proposta desta pesquisa porque, ao utilizarmos a AD, incluímos o sujeito (e, assim, o discurso) afetado pelo inconsciente e pela ideologia.

Neste trabalho, abordaremos a gagueira através da perspectiva linguístico-discursiva, uma teoria que abarca o discurso do sujeito que gagueja. Encontraremos respaldo em Azevedo (2000; 2006), que procura estudar a gagueira de um ponto de vista discursivo. Diante da extensa discussão sobre os principais estudos sobre a

gagueira, a autora destaca que a gagueira está situada em um espaço diferente do que foi apresentado por outros estudiosos da área. Em direção contrária às grandes teorias fonoaudiológicas que estudam a gagueira, a perspectiva adotada se afasta daquelas que indicam um lugar para a gagueira (no sujeito, no corpo do sujeito) ou, ainda que a consideram, um problema articulatório ou de produção de fala. Para Azevedo,

a gagueira não se encontra naquele que fala, assim como não é um problema do interlocutor, mas relaciona-se às condições de produção e ao espaço do discurso, em uma relação necessária com a exterioridade. Assim, a gagueira não está na pessoa que fala, nem em seu ouvinte, mas nesse espaço intervalar, no entremeio, no discurso (AZEVEDO, 2000, p. 20).

A perspectiva escolhida encontra-se ancorada na Análise do Discurso de linha francesa. É a Análise do Discurso (AD) que leva em consideração a incompletude da linguagem como condição e constituição. Azevedo (2000; 2006) encontra respaldo teórico naquilo que foi dito por Pêcheux na construção da AD e apregoadado por Orlandi, uma das maiores representantes e difusora da AD no Brasil:

(...) ao contrário, a linguagem tem como condição a incompletude, e seu espaço é intervalar. Intervalar nas duas dimensões: a dos interlocutores e a da sequência de segmentos. O sentido é intervalar. Não está em um interlocutor, não está no outro: está no espaço discursivo (intervalo) criado (constituído) pelos/nos dois interlocutores. Assim como não está em um segmento, nem em outro, nem na soma de todos os segmentos que constituem um texto determinado. Está na unidade a partir da qual os segmentos se organizam (ORLANDI, 2009, p. 160-161).

É através desse olhar que faremos considerações sobre o nosso objeto de estudo: o discurso sobre gagueira a partir do ponto de vista linguístico-discursivo. Na próxima seção, dentro desse mesmo capítulo, faremos considerações teóricas sobre a Análise do Discurso de linha francesa, a sua origem tal como foi pensada por Michel Pêcheux, seu fundador, a relação da linguagem com a ideologia e a articulação da AD com a gagueira. É importante esclarecer que não enfatizaremos o lugar teórico em sua totalidade, mas traremos para a discussão questões que interessam e contribuirão para a compreensão do objeto de estudo.

1.2. A Perspectiva Linguístico-Discursiva e a Gagueira

Considerações sobre a Análise do Discurso

Pode um homem enriquecer a natureza
com a sua incompletude?

[Manoel de Barros]

É Eni Orlandi (2009) que considera a Análise do discurso como *des-disciplina*. A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, no entanto, esse termo não seria o mais “correto” para conceituar a estrutura da teoria. A AD (Análise do Discurso) surgiu no entremeio de três regiões do conhecimento científico: a Linguística (Linguagem), o Marxismo (Ideologia) e a Psicanálise (Sujeito).

Em uma posição considerada de entremeio², a AD foi fundada na articulação de três regiões do conhecimento científico, como explicam Pêcheux e Fuchs (2010, p.160): 1.materialismo histórico: teoria das formações sociais e de suas transformações, incluindo-se a teoria das ideologias; 2.linguística: teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; 3.teoria do discurso: teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Não é um “acordo” ou um diálogo entre a História, Linguística e uma Teoria do Discurso. A Análise do Discurso questiona cada uma dessas disciplinas e faz deslocamentos em conceitos de cada uma delas. “A AD pode tratar de cada um desses ‘temas’ – mas os tratará rompendo com o que a linguística faz em cada um deles.” (POSSENTI, 2011, p. 357).

A AD surge com uma dupla fundação, entre o linguista Jean Dubois e o filósofo Michel Pêcheux, inicialmente com interesse de pensar o discurso político. Faz-se importante considerar que Pêcheux não nega Saussure, no entanto, a AD não trabalha a língua como sistema, assim, Pêcheux propõe-se estudar a relação entre língua e discurso (língua afetada pela exterioridade, excluindo a possibilidade de pensar a língua como um sistema homogêneo, fechado) diferente do que Saussure propôs (dicotomia língua e fala). Saussure pensou em uma língua homogênea. Pêcheux pensou em heterogeneidade e em efeitos de sentido, propondo, assim, o estudo do discurso.

² Termo utilizado por Orlandi (2005, p. 76), que retoma aquilo dito por Pêcheux e nomeia a AD como uma disciplina de “entremeio”. O termo, bem aplicado, remete a espaços ocupados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias.

Contra-pondo-se àquilo que é puramente linguístico e homogêneo, a Análise do Discurso causa uma ruptura do interior da Linguística. A AD acredita que a língua tem um funcionamento “parcialmente autônomo”, que funciona segundo regras da morfologia, sintaxe – uma ordem própria – no entanto, é a partir do processo discursivo que se põem a funcionar. Pêcheux (2010), em AAD-69, faz referência a Saussure quando fala do “deslocamento conceitual” que o estruturalista faz quando começa a pensar a língua como sistema, em vez de compreendê-la (também) como tendo uma função de exprimir sentido, demonstrando que é a partir dessa função é que se pode falar em funcionamento. É no discurso que poderemos considerar a relação entre língua e ideologia, compreendendo assim como a língua produz (e faz) sentido por e para sujeitos.

A ideologia para o autor está para um mecanismo de produção, de orientação de sentidos cujos efeitos disso são as próprias discursividades que são produzidas a partir de uma posição ideológica que o sujeito assume ao (se) significar. No que tange, pois, à noção de Ideologia em Pêcheux (2010), faz-se necessário destacar que ela se relaciona a uma teoria que o autor desenvolve para tratar do sujeito: a teoria da forma-sujeito do discurso. Esta teoria, resultante da leitura que Pêcheux realizou de Althusser, confrontada, também, com textos de Lacan, orienta-nos a perceber que a ideologia fornece evidências ao sujeito de/do discurso, levando-o a crer (ilusão) que uma palavra, expressão, proposição diz algo, estando nelas claros “seus” sentidos, “sob a evidência de que ‘eu sou realmente eu’”, sob a evidência de um, único, sentido. Dessas formulações o autor conceituará o que chamou de Formação Ideológica, “um elemento suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento” (2010, p.163).

Segundo Pêcheux (2010), a modalidade particular do funcionamento da instância ideológica consiste justamente nesse assujeitamento ideológico que conduz cada pessoa a acreditar que, a partir de sua livre vontade, pode se colocar, sob a forma discursiva, no lugar de uma ou outra classe social, antagonistas no modo de produção. Como coloca Pêcheux, essa interpelação do sujeito em sujeito ideológico, segundo o autor:

(...) se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa

identificação, fundadora de unidade (imaginária) do sujeito apoia-se no fato de que elementos do interdiscurso (...), são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 2010, p. 163).

Essa é uma das formas pela qual a instância ideológica (formações ideológicas) funciona. Assim, o sujeito acredita que é “senhor de sua vontade”. Isso significa dizer que os discursos são comandados por formações ideológicas, é nele (discurso) que a ideologia materializa-se. Assim como o discurso é algo que constitui o sujeito, a ideologia constitui o discurso.

Para Pêcheux (2010), o discurso é “efeito de sentido entre interlocutores”, o sentido não está no sujeito, estanque. Os sentidos circulam entre os interlocutores. Entre o intervalo de um sujeito para o outro está o espaço discursivo de ambos, de “todos”, discursos circulam ali. Para a AD os sentidos se dão no interior das Formações Discursivas (FDs), conceito importantíssimo para a teoria e para o nosso estudo, juntamente com o de Formação Ideológica (FI), já que o analisaremos a articulação da ideologia com o discurso. São as formações discursivas que determinam “o que pode e deve ser dito” a partir da posição que o sujeito ocupa. É a partir da noção de Formações Discursivas que a noção de sentido na AD torna-se relevante. Pêcheux (1997 [2010] p. 166), fazendo considerações sobre FI e FDs, objetivamente, o autor diz que se

deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a *espécie* discursiva pertence, assim pensamos, ao *gênero* ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas de que acabamos de falar “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sobre forma de arenga, sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. Diremos, então, que toda formação discursiva deriva de *condições de produção* específicas, identificáveis a partir do que acabamos de designar.

Devemos levar em consideração que as fronteiras de uma FD são porosas e podem ser afetadas/atravessadas por outras FDs, compreendendo assim FDs heterogêneas, que resultaria em outras posições discursivas, posições discursivas que se rompem e formam outras FDs. Orlandi (2009) considera a paráfrase e polissemia, como dois grandes processos de linguagem, dois tipos de funcionamento. A paráfrase são os

enunciados que são retomados e reformulados num esforço para que esses enunciados não percam sua essência/identidade. E a polissemia, como o oposto da paráfrase, seria a multiplicidade de sentidos de um posto em um enunciado.

Fazendo reflexões sobre o pré-construído, Indursky (2001) afirma, citando Pêcheux (1975[1988, p.166]), que o pré-construído trata-se ainda da retomada de saberes já-ditos em outro discurso, em outro lugar, e que o eco ressoa no discurso do sujeito, de todos os sujeitos. Usando palavras do próprio Pêcheux (2009, p. 142) “que esse efeito de pré-construído consistiria pela *discrepância* pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado ‘antes, em outro lugar, independentemente’”. É interessante pensar no quanto esse conceito de pré-construído, que “fala antes” estará presente em nossas análises, afinal é constituinte, pela qual o indivíduo (também) é interpelado em sujeito.

Para fazer considerações sobre memória discursiva, Orlandi (2006) em *Discurso e Textualidade*, faz considerações sobre os eixos (níveis) vertical e horizontal. Utilizando conceito trazido por Courtine (1999, p.18), como nível da enunciação (nível horizontal) – materialização discursiva, ou formulação conceito utilizado por Orlandi (2006, p.21). O nível vertical, do interdiscurso representa todos os dizeres possíveis e já-ditos. Orlandi (2006, p. 21), ao abordar esse nível, define como o “eixo da constituição do dizer” e é nele que situamos a memória discursiva. São formulações já feitas e esquecidas (uma voz anônima, já-dito) é a partir desse nível que as formulações (eixo horizontal - intradiscurso) se constituem. Por isso é que podemos afirmar que a memória discursiva é constituída pelo esquecimento (ORLANDI, 2006, p. 21). Compreendemos, assim, a memória discursiva como o efeito da presença do interdiscurso no acontecimento do dizer, na articulação do eixo vertical com o horizontal.

Orlandi (2001, p. 51 – 52), fazendo considerações sobre os gestos de interpretação do analista, torna visível o trabalho da ideologia através dos deslizamentos, retomadas, conflitos:

junto ao jogo da relação com a exterioridade - pensando-se a exterioridade como constitutiva, isto é, como memória, como interdiscurso - temos as *condições de produção* imediatas (circunstância de enunciação) e o contexto sócio-histórico. Como o interdiscurso- a memória afetada pelo esquecimento- é irrepresentável, mas está

presente na textualização do discurso, na materialidade textual, nos vestígios deixados pelos gestos de interpretação de seu autor, a escrita do analista tem de lidar com isso, sem apagar. (p.51- 52 - *grifo nosso*).

Um conceito muito importante para AD e, conseqüentemente para a análise da linguagem dos sujeitos desta pesquisa, é o de “condições de produção”. Segundo Orlandi (2012, p.30), eles

são responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto. As condições de produção fazem parte da exterioridade linguística e podem ser agrupadas em condições de produção em sentido estrito (circunstâncias de enunciação) e em sentido amplo (contexto sócio-histórico-ideológico).

Levaremos em consideração para as análises a abertura da terceira época da Análise do Discurso, em uma de suas principais obras, *Discurso: Estrutura ou Acontecimento* (1988), de Michel Pêcheux. Quem fala, “produz” seu discurso de um determinado lugar e de uma determinada posição, são as formações imaginárias que marcam o lugar de quem fala e quem ouve: um professor falando com um aluno, por exemplo. As “formações imaginárias” são as relações entre esses lugares, aquele que fala e o interlocutor, que imaginam aquilo que fazem e que o outro faz, por antecipação.

Uma noção importante para a AD e que se fará presente nas análises deste trabalho é a de antecipação. Segundo Orlandi (2012, p.39), na antecipação, “todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras”. Ou seja, o locutor experimenta o lugar de seu ouvinte a partir de seu próprio lugar, é constitutiva do sujeito. O que acontece com o sujeito-gago é diferente do sujeito que não gagueja, já que o último antecipa a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem/produzirão; o sujeito-gago está preso à antecipação, mas em relação à forma da fala e não ao conteúdo. No outro extremo, ele prevê o outro como seu avaliador.

Assim, “o locutor experimenta o lugar de seu ouvinte”. Orlandi (2009, p.158) afirma que

a relação de forças (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), a relação de sentido (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e os outros), a

antecipação (a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa).

Devemos considerar que a noção de relação de forças é ampla, e funciona a partir da noção de relação de sentidos. Assim não há discurso uno, único, que funciona sozinho. “Um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (ORLANDI, 2012, p. 39), ou seja, encontram-se numa rede de sentidos, sentidos contínuos e amplos, sempre em curso. Desta forma, um dizer sempre terá relação com outros dizeres, e só funcionará porque já foi dito antes, em outro lugar e será “repetido”, por outras vozes.

A relação de forças fala sobre o valor da posição do sujeito no discurso, de onde fala o sujeito, das condições de produção do discurso. Segundo Orlandi (2012, p.39) “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. O sujeito que gagueja espera seu momento de locutor como uma tarefa árdua, além da certeza *a priori* do erro, é silenciado pela posição que considera ser colocado pelo outro. Desta forma, quando ele está em uma posição de superioridade (levando em consideração a nossa sociedade e relações hierarquizadas). Exemplo: o sujeito gaguejará na posição de um aluno quando o professor requerer algum comentário sobre um determinado assunto e não gaguejará no papel de professor, ministrando a aula para seus alunos.

Sobre a certeza *a priori* do erro, Azevedo (2006) afirma que a previsão do erro marca o dizer do sujeito-gago, uma vez que antes de falar, ele já tem a certeza de que gaguejará. Sabemos que não é possível determinar quando iremos “falhar”. De uma forma geral, quando falamos, ficamos atentos às ideias que transmitimos, na reação de quem nos ouve e, num momento indeterminado, na forma como falamos. O que acontece com o sujeito que gagueja é que a todo momento a forma como ele fala (se apresentará falhas ou não) é o ponto central de sua atenção. Em seus estudos, a autora afirma:

É interessante notar que gaguejar é algo inerente à linguagem/sujeito e acontece pela incompletude e falta que a/o caracterizam. Os momentos de gagueira, entretanto, ocorrem sem que haja uma previsão dos mesmos e o sujeito-dito-fluente (uma vez que fluência é uma condição ideal e, portanto, não existente) só os percebe após a gagueira acontecer. Esta formação discursiva, portanto, marca a condição de sujeito-gago, que prevê a gagueira. (AZEVEDO, 2006, p. 120).

Para o sujeito que gagueja esse funcionamento já diz da sua incapacidade, como se ela estivesse em seu sistema linguístico, onde o “erro”³ é previsto e certo. Veremos no último capítulo que a análise discursiva do sujeito que gagueja aponta para um discurso que já traz a certeza do erro.

A ideia de falar que antecede o gaguejar é consequente de uma imagem de si como mau falante e da imagem que o sujeito que gagueja supõe que o outro representará caso identifique a sua fala a um ritual com falhas. Para “escapar” à imagem de mau falante, que ele acredita que será “colada” nele pelo outro, o sujeito que gagueja utilizará truques para evitar a gagueira: substituirá palavras, evitará palavras, não falará, fugirá de uma situação de fala. No entanto, pensar em como vai falar e utilizar estratégias que “evitam” a gagueira válida, ainda mais, a gagueira.

O sujeito gago encontra-se entre a escolha de “falar bem” ou não falar, preocupa-se com a forma da fala (e menos com o sentido). Acreditamos que, nessa posição de “impossibilidade” é negada ao sujeito a ocupação de diferentes posições, permanecendo estancado em um lugar. O dizer do sujeito-gago é interdito, a situação de dualidade causa insegurança, contrariedade e o descontentamento no discurso, enfraquecendo o discurso do sujeito. Para Azevedo (2000), essas situações causam (e reforçam) a insatisfação na fala (discurso da impossibilidade: “não consigo falar”, “nessa palavra eu gaguejo”). Nesse sentido, a presença da gagueira na linguagem também caminha para a imediata frustração.

Tomaremos também a noção de silenciamento, estudada por Orlandi (2007), fazendo reflexões sobre as formas do silêncio. Com o aporte teórico da AD, Orlandi (2007, p. 31) afirma que devemos pensar no silêncio como processos de significação, isto é, o discurso. Nessa perspectiva o silêncio significa. A autora diz que quando nos colocamos em uma perspectiva discursiva devemos ter uma visão não-negativa do silêncio, e assim, ela categoriza as formas do silêncio em: a) o silêncio fundante; e b) a política do silêncio (silenciamento). É no silenciamento que o sujeito que gagueja se “enquadra”:

³ É inerente à linguagem (e ao sujeito) apresentar falhas, hesitações, bloqueios. Para o sujeito que gagueja qualquer disfluência é vista como “erro”, mesmo as “naturais”, tudo será considerado gagueira, “falhas”, “erros”. É importante considerar que, no caso do distúrbio *gagueira*, há erro, na medida em que o outro e o próprio sujeito estranham o dizer. Ainda assim, não deve ser previsto.

[...] Como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito, ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo “outros” sentidos. Resulta no silenciamento como forma não de calar mas de dizer “uma” coisa, para não deixar dizer outras, o silêncio recorta o dizer. (ORLANDI, 2007, p 53).

Quando falamos de silenciamento no caso de gagueira, pensamos no estudo do silenciamento que não é o silêncio por escolha do sujeito quando está construindo um discurso. Neste caso, vários outros são silenciados, não por serem silenciáveis, mas pela situação/contexto que permite, ou não, a ocorrência de outros sentidos; estamos falando em silêncio de pôr em silêncio, quando nos mostra que há um processo de produção de sentidos que foram silenciados. Azevedo (2000) afirma que, quando o sujeito-gago prefere não ocupar o lugar de falante a expor-se à língua, significa que o outro o silencia e termina protegendo-se, ao se entregar e deixar-se envolver pelo silêncio.

Em 1886, Camille Claudel, escrevendo para Rodín, disse: *Il y a toujours quelque chose d'absent qui me tourmente* (Existe sempre alguma coisa ausente que me atormenta). Ficamos pensando na proximidade desse fragmento com a AD, mais precisamente, com a noção de sujeito da AD. Para falar do sujeito da Análise do Discurso, partimos de dois interesses importantes e singulares: o primeiro interesse está nas reflexões e estudos da ruptura que a AD faz com a Linguística sobre o sujeito; o segundo olhar recai na importância desse sujeito que utilizaremos na análise desta dissertação, conceitos e reflexões importantes sobre o sujeito (e forma-sujeito) desta teoria.

Em oposição à Pragmática e às grandes teorias linguísticas anteriores às discursivas, especificamente para a AD, qualquer referência a um conhecimento *a priori* do sujeito sobre o discurso é abandonado. Para a Análise do Discurso não há falante, locutor, emissor ou receptor – não são apenas isso -, há o sujeito, isso é uma ruptura com as teorias linguísticas pensadas anteriormente, talvez a mais significativa para a teoria (POSSENTI, 2011). O outro (interlocutor) não é destinatário, nem receptor da mensagem dada pelo emissor, o outro (também) constitui o sujeito, outros discursos constituem o discurso do sujeito.

É pela interpelação da ideologia que o indivíduo torna-se sujeito. Pêcheux (1975, p. 17) lendo (e influenciado) por Althusser, filósofo e ideólogo do marxismo, afirmou que “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos”. Ao utilizar seus pensamentos

assume a “posição” de Althusser e acrescenta que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Podemos considerar que, ao inscrever-se na língua, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Assim, o resultado dessa interpelação resultaria na forma sujeito histórico marcado temporalmente e espacialmente e, agora, o sujeito essencialmente histórico articula-se com o sujeito ideológico, falado acima. Assim, o sujeito é marcado pela heterogeneidade, descentrado, o outro não é só destinatário (nível intradiscursivo), na qual você discursa, formula, mas agora temos o Outro que envolve outros discursos historicamente já construídos (interdiscurso).

Desta forma, não nos cabe mais pensar numa concepção de linguagem ligada à homogeneidade, pois, se levamos em consideração a exterioridade, o “sistema”, pensado pelos estruturalistas, se rompe, existe um buraco, uma incompletude linguística. E, se o sujeito é constituído na/pela linguagem e acreditamos na incompletude linguística (que alguma coisa sempre falta), não caberia aqui, pensar num sujeito completo, homogêneo.

Introduzida na AD, a categoria do sujeito pensada a partir de formulações de Lacan, ganha estatuto próprio. Não nos apropriamos do sujeito da psicanálise, levamos em consideração o sujeito inconsciente, descentrado, não-uno. De acordo com Ferreira (2005), a incompletude é muito marcante no sujeito da Análise do Discurso porque ele é afetado simultaneamente por três ordens. A autora utiliza o nó barromeano⁴ para simbolizar o lugar do sujeito no entremeio das três noções: linguagem – ideologia e Psicanálise:

O sujeito estaria, assim, sendo afetado, simultaneamente, por essas três ordens, e deixando cada uma delas *um furo*, como é próprio da estrutura de um *ser-em-falta*: o *furo* da **linguagem** representada pelo equívoco; o *furo* da **ideologia**, expresso, pela contradição, e o *furo* da **Psicanálise**, expresso pelo inconsciente. Daí decorre o fato da incompletude ser tão marcante para todo o quadro teórico do discurso e contaminar, de certa forma, os principais conceitos que a compõem. É precisamente essa *falta* que vai acabar tornando-se o lugar do possível para o sujeito desejante e para o sujeito interpelado ideologicamente da Análise do Discurso (FERREIRA, 2005, p. 71).

⁴ Figura introduzida na Psicanálise por Lacan é formada por três anéis, simbolizando a Tríplice Aliança. Retirando-se um dos anéis os outros dois ficariam soltos e perderiam a interligação constitutiva. O que os sustenta, então, precisamente, é esse laço de interdependência que os estrutura solidariamente.

Se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, a língua seria “atingível”, contrapondo o termo “*La langue introuvable*”, de Pêcheux e Gadet, não haveria espaço para o equívoco, deslizamento de sentidos. A Análise do Discurso não acredita no sentido “óbvio” de uma palavra. Assim, não acreditamos em uma língua transparente. O “*é claro que eu falei isso...*”, ou “*eu não quis dizer isso...*” seriam expressões inexistentes. No entanto, a falta é constituinte do sujeito e para se “fazer falta” (não no sentido “sentir falta”) é preciso o ato (o falar), utilizando-se da linguagem, uma vez que sabemos que a “falta” na linguagem existe. Dessa forma, os sentidos circulam, não são únicos e nem tudo está dito. Acreditamos na falha. Authier-Revuz (2009, p. 278), em um texto de 1975, de Pêcheux, fala de uma “falha de nomear”:

“é dessa falha em nomear – que, para o **sujeito** falante é particularmente *falha para se nomear*, falha para dizer a verdade que “não se diz toda *porque as palavras faltam* (Lacan) – que estruturalmente se constitui o sujeito, em um irreduzível desvio [*écart*] de si mesmo, **sujeito**, pelo fato de que é falante e, por consequência do que ele é, *falho* (grifo nosso).”

Outro aspecto considerável sobre o sujeito da AD, incorporado de Lacan é utilizado em uma das principais (ou a principal?) definições da Análise do Discurso francesa, como “efeito de sentidos entre interlocutores” (PÊCHEUX 1975, p. 170), ou seja, o discurso é aquilo que está entre o eu-tu, “circulando”, no intermédio, o discurso é intervalar, assim como afirma Lacan (1960, p.883) “um *significante* é aquilo que *representa o sujeito* para outro *significante*”. Assim como a AD, Lacan acredita no “deslizamento” do significado na cadeia de significantes, o significado funcionaria não estaticamente, deslizando ao longo da cadeia de significantes.

Indursky (2008) afirma que Pêcheux em *Les Vérités de la Palice*,⁵ 1975, acrescenta algo muito importante nas suas reflexões sobre o sujeito na AD, um traço essencial, que chamou de “uma teoria não subjetiva da subjetividade” (PÊCHEUX, 1975, p.133). A partir dessa nova reflexão, o autor rompe com as práticas de explicação de texto, crítica e afasta-se da psicologia e das teorias que utilizam o sujeito consciente, sujeito que possui o controle do que diz. Agora, o sujeito, a partir de um efeito da ideologia, tem a ilusão de controle daquilo que diz e que ele é a origem do seu dizer.

⁵ Em 1988. ganhou tradução brasileira intitulada “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”.

É a partir da noção de Formações Discursivas que se entende como o sujeito funciona no discurso. Fora do âmbito da AD, Foucault (1969), em *Arqueologia do Saber*, é o primeiro a falar de FD. Para o autor, é a FD que determina uma regularidade própria a processos temporais, estabelece relações sobre acontecimentos discursivos, “é um espaço de dissensões múltiplas, um conjunto de oposições cujos níveis e papéis devem ser descritos (FOUCAULT, 1969, p.192). Embora Foucault falasse também de discurso, não era exatamente como Pêcheux usara, no entanto, Michel, o Pêcheux, utilizará o termo “Formação Discursiva” reformulando-o. Traz para a AD a noção de formação discursiva e faz as adaptações.

É através da relação do sujeito com a formação discursiva que se chega ao funcionamento do sujeito do discurso. Podemos considerar a FD como a manifestação, no discurso, da formação ideológica, ou seja, o lugar de articulação entre a língua e o discurso, a “matriz dos sentidos” (COURTINE, 1994).

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (PÊCHEUX, 2010, p. 147).

Após reflexões sobre a interpelação do indivíduo em sujeito, Pêcheux, acrescenta que a identificação (do sujeito) com a FD que o domina e o constitui como sujeito, passa por um processo de identificação, que ele vai chamar de forma-sujeito (PÊCHEUX, [1988, p. 167], 2010, p.150).

É na forma-sujeito que o fundador da Análise do Discurso utiliza, pela primeira vez, o termo “tomada de posição”. Em seus estudos, Indursky (2008) afirma que, num primeiro momento, entendia-se que forma-sujeito era dotada de uma unicidade: dentro de uma FD, o “sujeito se identifica consigo mesmo, com seus ‘semelhantes’ e com o Sujeito” na forma-sujeito. Seria uma identificação “plena”, fortalecendo a ideia de uma formação discursiva homogênea. No entanto, Pêcheux (2010, p. 197), após longas reformulações fala, na mesma obra, sobre *desdobramentos* do sujeito do discurso (da forma-sujeito) e fala em três modalidades, que serão aprofundadas no decorrer do trabalho.

Antes de prosseguirmos com reflexões sobre o sujeito da AD, devemos considerar que o caminho traçado até aqui para fundamentar esta pesquisa, foi conduzido de uma maneira na qual possamos entender como procederá a análise do

discurso dos sujeitos deste trabalho. O desdobramento da forma-sujeito, teorizado por Pêcheux (1975; 2010) e tão bem trabalhado por Indursky (2008), norteará as observações e reflexões do processo de *identificação*, *contraidentificação* e *desidentificação* dos sujeitos que gaguejam e participam da terapia em grupo do GEAG - UNICAP.

Na primeira modalidade, o autor, inicialmente, acreditava em uma identificação plena do sujeito com a forma-sujeito do discurso. Depois de algumas considerações, Pêcheux reformula e acredita que não seria possível uma identificação “plena” do sujeito, pois sempre alguma coisa falha (ou alguma coisa pode falhar). O “bom sujeito” revelaria uma “unicidade imaginária do sujeito” (PÊCHEUX, 1988, p. 163), ou seja, o sujeito é um bom representante de sua FD. Na segunda modalidade o sujeito, “mau-sujeito”, a partir de uma “tomada de posição”, se contrapõe à forma-sujeito. O sujeito questiona, se contrapõe, distancia em relação à forma-sujeito. Indursky (2002) diz que “a “contra- identificação produz tensão, antes de mais nada, *na* e *sobre* a forma-sujeito.” Apesar de estar em uma FD, se distancia da forma-sujeito em que se encontra, “se identifica, mas com reserva”. Tuda isso acontece no interior da forma-sujeito, sem romper. Assim, compreendemos que a identificação ocorre pelo processo de repetição dos saberes que dominam uma forma-sujeito. Na segunda, abre um espaço para a diferença/questionamento, apontando assim para diferentes posições sujeitos num interior de uma mesma FD.

Na terceira modalidade o sujeito do discurso desidentifica-se de uma FD para identificar-se em outra FD, um deslocamento-transformação. A tomada de posição é para fora da forma-sujeito. No entanto, como afirma Pêcheux (1988, p. 217-218), “a ideologia não desaparece; ela funciona de certo modo às avessas, isto é, sobre e contra si mesma, através do ‘desarranjo-rearranjo’”.

Assim como a identificação não é plena, a desidentificação também não é e, sobretudo, não é um desassujeitamento. Indursky (2002) ainda tece mais algumas considerações sobre a desidentificação, indicando que sinaliza que existe um “certo espaço de liberdade” para o sujeito do discurso (que, apesar do assujeitamento, o sujeito não é, apenas, passivo; nesse processo de desidentificação-identificação o sujeito identifica-se imediatamente com outro domínio de saber).

Em 1977, em um Congresso no México, Pêcheux vai falar sobre a heterogeneidade da ideologia: “uma ideologia não é idêntica a si mesma, só existe sob a modalidade da divisão e não se realiza a não ser na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos contrários” (PÊCHEUX, 1980, p.192). Assim, após reformulações, a ideologia não é só igualdade (idêntica a si mesma). Instaure-se, a partir daí, a diferença e divisão. Lugar de “aporte” da ideologia, a FD, pelo mesmo motivo, também será heterogênea:

As fronteiras de uma formação discursiva são suficientemente porosas para permitirem que saberes oriundos de outras formações discursivas aí se façam presentes. Em consequência disso, seu domínio de saber é frequentemente atravessado/invadido por saberes provenientes de outras formações discursivas, de outra forma-sujeito, de outras posições sujeitos, comportando, por conseguinte, igualdade, mas também diferença e divergência, sendo, pois, a contradição o que se instaura aí em lugar de igualdade de sentidos e unicidade do sujeito (INDURSKY, 2002, p 17).

A partir das reflexões de Pêcheux sobre tomadas de posição, modalidades, heterogeneidade - da ideologia e, conseqüentemente, das formações discursivas - é possível pensar em um sujeito (sempre histórico), assujeitado sempre (pela ideologia e, sobretudo, pela linguagem), mas dividido em diferentes posições sujeitos, ou seja, não estanque. Isso que (também) levaremos em consideração, respaldadas pela AD, na análise dos sujeitos da pesquisa: movimentos desses sujeitos, sua forma-sujeito, posições discursivas (sujeito que gagueja/sujeito fluente).

Levando em consideração o ponto de vista discursivo, ou seja, compreendendo a gagueira como um distúrbio linguístico-discursivo, Azevedo (2000; 2006) relata como o sujeito-gago identifica a gagueira: em si, quando ele se acha impossibilitado de falar alguma palavra/fonema – previsão do erro; materialização da gagueira, a gagueira estaria no/ em um objeto (telefone), ou quando gagueira está no outro. Na situação na qual o sujeito coloca-se na posição de sujeito que gagueja, veremos, em nossas análises como o discurso da impossibilidade reforça essa FD, e prende o sujeito nessa posição.

Veremos, nas análises desta pesquisa, que a gagueira não está no sujeito, nem no interlocutor, mas no espaço intervalar, no seu discurso, em uma condição direta com as condições de produções, a exterioridade. Reforçamos a ideia que, sob o ponto de vista linguístico-discursivo, a gagueira é compreendida como um distúrbio da linguagem, diretamente relacionado às condições de produção do discurso, caracterizado pela previsão e a certeza a priori do erro.

PERCURSO METODOLÓGICO

PROCEDIMENTO ANÁLISE DO DISCURSO

O percurso metodológico deste trabalho é ancorado na perspectiva qualitativa, diretamente relacionado aos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa. A seguir, caracterizaremos o dispositivo de análise, procurando situar o *corpus* discursivo, os fundamentos da análise e as considerações éticas.

2.1. Análise do Discurso como Dispositivo de Análise

Uma disciplina de Interpretação

A análise do discurso não pode se satisfazer com a concepção do sujeito cognitivo epistêmico, “mestre em seu domínio” e estratégico em seus atos cognitivos; ela supõe a divisão do sujeito como marca da sua inscrição no campo do simbólico.
[PÊCHEUX, 1984]

A tripla especificação na qual a AD foi constituída aponta que os funcionamentos sintáticos não se limitam, apenas, às fronteiras da frase. Contrapondo o interesse cada vez mais forte das teorias linguísticas em relação aos fenômenos interfrásticos, ligados à frase, a AD lança a sua perspectiva para uma “linguística das sequências discursivas”. Pêcheux (1984) afirma que a posição epistemológica da análise do discurso nos leva a pensar na existência de uma língua não como um sistema, “mas como um real específico formando um espaço contraditório do desdobramento das discursividades” (ORLANDI, 2011, p. 228). A noção principal para trabalhar com análise do discurso como dispositivo é de funcionamento, afastando-se de um pensamento que considerava a autonomia total da linguagem.

Para Orlandi (2012), a proposta era construir um dispositivo de interpretação. Em seu texto “A análise de discurso: três épocas”, de 1983, Pêcheux faz um rico percurso teórico na construção da AD como dispositivo nas três épocas da AD. Aqui,

utilizaremos as concepções teóricas e analíticas propostas pela terceira fase da AD, na qual o seu fundador fala sobre o processo de análise:

O desenvolvimento atual de numerosas pesquisas sobre os encadeamentos intradiscursivos – “interfrásticos” – permite à AD-3 abordar o estudo da *construção* dos objetos discursivos e dos acontecimentos, e também dos “pontos de vista” e “lugares enunciativos no fio do intradiscorso” (PÊCHEUX, 1983/1997, p. 312-312).

Dessa forma, a abertura da AD-3 é consideravelmente importante, a questão da heterogeneidade enunciativa e do discurso-outro é expressamente levada em consideração e o próprio Pêcheux assume a singularidade da AD-I ainda “presa” a uma homogeneidade enunciativa. Em seu livro, “*Discurso: estrutura ou acontecimento*”, Pêcheux (1990) faz uma severa distinção da “sobre-interpretação” estruturalista. Ele afirma que “ela (sobre-interpretação) funciona, a partir de então, como um dispositivo de tradução, transpondo “enunciados empíricos vulgares” em “enunciados estruturais conceituais” (1990, p.46).

Se as teorias linguísticas apresentam dispositivos que “interpretam” (ou trabalham com a interpretação) com aquilo que é dado na língua, era preciso que as pesquisas linguísticas começassem a pesquisar o próprio da língua através daquilo que falta, com sentido que não está evidente (contradição, equívoco, falhas). É nesse momento que o dispositivo teórico da análise do discurso trabalha, com procedimentos que possibilitam abordar o equívoco.

[...] toda descrição está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de torna-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX, 1990, p. 53).

A pretensão da Análise do Discurso nunca foi procurar o(s) verdadeiro(s) sentido(s), não há nada escondido, nem oculto, mas procurar o Real⁶ sentido em sua materialidade linguística e histórica. Desacredita-se nos sentidos literais, “os sentidos e os sujeitos se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos dos

⁶ Termo utilizado pela psicanálise, Lacan (1973a) afirmou o Real “enquanto terceira dimensão...” ou “Eu te batizo, Real, por que se não existisses, seria preciso inventar-te.” O Real pode ser percebido como algo impossível de ser captado por qualquer instrumento da realidade – palavra ou imagem. É aquilo que escapa.

quais não temos controle e nos quais o equívoco está largamente presente” (ORLANDI, 2012, p. 60).

É trabalho da ideologia e do inconsciente acreditarmos (como sujeito) ser origem do dizer e acreditar que aquilo que dizemos “ficou claro”, só possui “aquele sentido”. É um trabalho que exige que o analista rompa o efeito de transparência da linguagem, do sentido literal e, sobretudo, lembrar do sujeito, que é assujeitado à ideologia e à língua desde seu nascimento e não possui domínio daquilo que diz e nem sobre os efeitos de sentido daquilo que diz. O sujeito possui um domínio imaginário, ele acredita que possui esse domínio.

Orlandi (2012), em *Princípios e Procedimentos*, elabora e discute o papel do analista sobre o dispositivo e a escuta discursiva, o que acreditamos ser interessante apresentar aqui:

O dispositivo, a escuta discursiva, deve explicitar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos: descrever a relação do sujeito com sua memória. Nessa empreitada, a descrição e interpretação se interrelacionam. E é também tarefa do analista distingui-las em seu propósito de compreensão (ORLANDI, 2012, p. 60).

O analista seleciona/produz o seu dispositivo teórico respaldado na teoria, e, apesar de desconsiderar a evidência, o que “está ali”, ele procura não eliminar os efeitos disso que é constitutivo da linguagem, porque está no funcionamento, e não colocar-se fora da interpretação, sujeito fora da história/fora da língua. O analista do discurso trabalha “(n)os limites da interpretação”, não interpreta (ORLANDI, 2012, p. 61). O papel do analista não é se colocar a parte (fora) da história ou da ideologia, ele se descola para que seja permitido observar o processo de produção de sentido.

Em um de seus estudos sobre interpretação, Orlandi (1996) diz que, a partir desta perspectiva discursiva, todo sujeito está condenado a interpretar, pois, diante de qualquer objeto simbólico, o sujeito tem a necessidade de “dar” sentido, e conseqüentemente, entender. Segundo a autora, dar sentido seria “construir sítios de significância (delimitar domínios), tornar possíveis gestos de interpretação” (Orlandi, 1996, p. 64). E gestos de interpretação são um ato linguístico-discursivo (quando o eixo do interdiscurso articula-se com o eixo do intradiscurso e “produz” o discurso), que

intervém no Real. Dessa forma, o espaço da interpretação, marcado pelo trabalho da história como significante, vem a ser o espaço da falha, do equívoco, da contradição.

O processo de análise discursiva interroga os sentidos estabelecidos na produção discursiva. Neste trabalho, analisaremos os sentidos estabelecidos no discurso do sujeito que gagueja. Orlandi (2009) faz-nos lembrar que, para AD, o funcionamento da linguagem não é integralmente linguístico, nesse funcionamento, a formulação ainda é constituída pela ideologia e história.

Para este trabalho, utilizaremos a noção de *corpus* de acordo com Courtine (2009), que utiliza o termo *corpus discursivo*, definindo-o como sequências discursivas, dadas as condições de produções específicas. Aqui, utilizaremos como *corpus* o discurso de sujeitos que gaguejam, participantes da terapia em Grupo na Universidade Católica de Pernambuco.

São os gestos de interpretação que constituem o analista desde a construção do seu dispositivo teórico (que já consideramos como um gesto interpretativo) até a análise do *corpus*. Assim, devemos desconsiderar pensar em um *corpus* fechado, estático. Courtine (2009, p. 115) define-o como um “conjunto aberto de articulações,” cuja construção não é efetuada de uma vez por todas no início do procedimento de análise.

Na AD, o dispositivo teórico reveste o dispositivo analítico, assim, o analista mobilizará conceitos diversos dentro da teoria e, dentro do seu *corpus*, fará recortes conceituais (de acordo com a finalidade da análise). O pesquisador constrói o dispositivo analítico motivado pelo seu material, assim como o seu procedimento. É o dispositivo teórico que norteará, manterá e sustentará a análise do *corpus* nos princípios gerais da AD. E, conseqüentemente, afastará as análises de uma “simples interpretação”, ao ancorá-la no teórico; primeiramente, desfaz-se a ilusão de transparência, desconsidera-se uma homogeneidade da língua (e do homem).

No procedimento, levaremos a condição da linguagem afetada, sobretudo, pela exterioridade, diluiremos a ilusão de transparência da linguagem e de sentido único. Da mesma forma, consideraremos, nas análises, as condições de produção do discurso, incluindo o contexto ideológico e sócio-histórico. A memória (pensada em relação com o discurso), o interdiscurso, conceito estrutural para a AD, como aquilo que “fala antes”, que afeta o sujeito. A relação/articulação do interdiscursivo com o

intradiscursivo, eixos de constituição e formulação, respectivamente. Essas concepções foram trabalhadas no capítulo teórico, a fim de sustentar a análise discursiva, no próximo capítulo.

Os sujeitos que participaram da pesquisa atendiam aos critérios abaixo:

- a) Encontrar-se em atendimento fonoaudiológico em grupo, com o diagnóstico de gagueira;
- b) Ser de qualquer gênero, feminino ou masculino;
- c) Ser adulto (ter idade acima de 18 anos);
- d) Situar-se em faixa etária de até 60 anos, evitando, com isso, degenerações neurológicas decorrentes da idade.

O ponto de partida em relação às análises é: a compreensão de que o sentido não é único e que o sujeito não possui o controle do que diz. Desta forma, procuramos considerar a linguagem dos sujeitos, referindo-se à gagueira, como lugar de debate, de conflito.

O procedimento de análise diz respeito, principalmente, à relação de paráfrases, observação de enunciados, relação com outros discursos, bem como à relação do discurso com as FD e das FD à ideologia. Nesta proposta, identificamos os mecanismos geradores e mantenedores da fluência e da gagueira, apontando para o espaço discursivo como o lugar de produção da gagueira. Neste momento, trabalhamos com a relação direta entre os momentos de gagueira e as condições de produção do discurso, procurando registrar posições discursivas ocupadas por esse sujeito. Assim, a análise será realizada na observação do processo de construção da linguagem, do discurso de sujeitos que gaguejam e seus interlocutores (pessoas envolvidas num ato linguístico).

2.2. Pesquisa Qualitativa, Considerações Éticas e Constituição do *Corpus*

O pressuposto metodológico definido para o objeto de estudo foi qualitativo, mais especificamente, o estudo de caso, método utilizado com objetivo de pesquisar uma especificidade. Ludke e André (1986), em seus estudos sobre abordagens qualitativas, traçam características específicas sobre o estudo de caso, características que se aproximam do perfil proposto para pesquisa. Os autores afirmam que os estudos

de caso visam à descoberta, enfatizam a ‘interpretação em contexto’, ainda procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social. Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 18-20).

Conduzimos a pesquisa através de uma análise qualitativa da produção discursiva de sujeitos com queixa e diagnóstico de gagueira, em processo de terapia fonoaudiológica no Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG), com duas fonoaudiólogas. Neste trabalho, todos os participantes (sujeitos) não são apenas agentes interpretativos de seus mundos, mas também compartilham suas interpretações à medida que interagem com outros e refletem sobre suas experiências no curso de suas atividades cotidianas, elaborando assim, conhecimento.

A constituição do *corpus* discursivo foi realizada a partir da observação e registro com gravador digital das reuniões semanais do GEAG, que funciona sob a coordenação da Professora Nadia Azevedo, pesquisadora principal deste projeto, com a participação de uma fonoaudióloga voluntária, uma linguista (mestranda-pesquisadora) e sujeitos- que gaguejam adultos.

As gravações dos sujeitos que gaguejam em atendimento fonoaudiológico em grupo foram transcritas e, em seguida, foram feitos recortes a partir do *corpus* obtido nessas sessões terapêuticas, de acordo com o conceito de Orlandi:

O recorte é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e – situação (...) os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um espaço menos imediato, mas também de interlocução, que é o da ideologia (ORLANDI, 2009, p. 139, 140).

Sobre este aspecto, Orlandi (2000) afirma que o *corpus* resulta de uma construção do próprio analista e que todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que o analista recorta. A forma do recorte determina o modo da análise e o dispositivo teórico da interpretação a ser construída. Devemos considerar que o recorte feito pelo analista já é um gesto de interpretação.

Quanto às considerações éticas, foram encaminhados, aos sujeitos da pesquisa, uma carta-convite para participação na pesquisa, que se configura como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, observando-se a resolução 196/96, que contém os objetivos e a metodologia do estudo, para que os sujeitos da pesquisa ou os responsáveis

pelos participantes definam sobre a participação na mesma. Caso concordassem, assinariam o Termo acima descrito e participariam da pesquisa.

O referido projeto foi encaminhado para aprovação em Comitê Científico e de Ética da Universidade Católica de Pernambuco, tendo sido aprovada a sua execução de acordo com o parecer CEP nº 008/2006. O Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) encontra-se em anexo.

Até o momento, não estão descritos na literatura riscos para a pesquisa com relação à metodologia adotada – entrevista e gravações de sessões realizadas em grupo. Poderia haver constrangimento dos sujeitos na participação (devido à dificuldade na fala), minimizado a partir de explicação detalhada sobre o processo. Os sujeitos foram beneficiados, na medida em que estiveram trabalhando o funcionamento de suas linguagens e apresentação da análise realizada. A comunidade científica também deverá ser beneficiada, através da leitura de publicações oriundas da pesquisa, uma vez que há poucas investigações do tipo sendo realizadas no Norte/Nordeste.

A privacidade dos sujeitos que optaram por participar da pesquisa está inteiramente garantida, visto que os sujeitos não foram identificados. Foram gravadas aproximadamente, cinquenta sessões terapêuticas do GEAG, durante o período de abril/2011 a agosto/2012. Os sujeitos procuram o grupo através do site da instituição, site do Instituto Brasileiro de Fluência, fonoaudiólogos que encaminham para tratamento via clínica fonoaudiológica da UNICAP ou a partir da Semana de Atenção à Gagueira, realizada anualmente na instituição.

Nesta ocasião, é importante descrever um pouco do ambiente e como se encaminha a proposta terapêutica do GEAG. O grupo oscila em relação ao número de participantes, geralmente, entre dez a quinze. Com duração de uma hora e meia, os participantes chegam ao grupo após o expediente de trabalho ou aula. Os mais jovens são, em sua maioria, universitários. É um grupo bastante diversificado. Inicia-se a sessão com relatos dos participantes sobre a semana em relação a sua fala (situações de linguagem ocorridas extra-terapia), ou seja, o próprio discurso sobre gagueira (trazido pelo sujeito participante do grupo). Ao ingressarem no grupo os sujeitos relatam o motivo que os levaram a procurar um grupo de terapia para gagueira, a maioria dos participantes alega que a gagueira incomoda.

As cinquenta sessões do GEAG foram transcritas e o *corpus* discursivo foi constituído e analisado a partir do gesto de interpretação da pesquisadora, levando em

consideração os objetivos que norteiam o trabalho e a fundamentação teórica/analítica da AD.

A proposta é que, a partir desses relatos, a terapia se desenvolva com as terapeutas questionando a linguagem dos sujeitos referindo-se a sua gagueira. Para uma melhor compreensão, as análises estão divididas em onze sequências discursivas, expostas em duas colunas. A coluna esquerda relaciona-se ao discurso das terapeutas e a coluna direita dos participantes do GEAG. O seguimento numérico determina a troca de sujeitos na sequência.

Legenda:

S - Sujeito

T - Terapeuta

S1 – Sujeito 1

S1.2 – Segundo segmento do sujeito 1 (e assim por diante).

Sabedoria pode ser que seja ser mais
estudado em gente
do que em livros.

Manoel de Barros

O DISCURSO DO SUJEITO QUE GAGUEJA: ENTRE EU E O OUTRO

Neste capítulo, trabalharemos a AD não mais como teoria, mas como procedimento analítico. Os conceitos que utilizaremos nas análises já foram expostos no capítulo que articulamos a AD com a gagueira.

Deslocar os estudos que justificam a gagueira como aquilo que norteia a fala do sujeito apenas aos aspectos fonético-fonológico e/ou articulatórios para uma abordagem que considera o discurso do sujeito que gagueja como elemento primordial significa lançar um “novo” olhar sobre o objeto de estudo. É observar o sujeito que gagueja e trazer à tona aquilo que o constitui (o discurso), e dar evidência a um sujeito que é formado na e pela linguagem. Acreditamos assim, que o estudo da gagueira não pode ser desvinculado de onde o discurso e a ideologia se materializam, no sujeito que gagueja.

A seguir, analisaremos o *corpus* do trabalho, constituído a partir de posições trazidas pelo sujeito que gagueja, ressignificadas no GEAG, a partir de algumas sequências discursivas.

3.1. Sobre a certeza *a priori* do erro...

A certeza *a priori* do erro é um discurso que constitui a posição sujeito que gagueja, uma vez que antes mesmo de falar, o sujeito já tem a determinação da falha. Trabalharemos duas sequências discursivas a partir desta posição.

Sequência discursiva 1

T. Começa a marcar as palavras, começa a marcar o som e o problema não está nisso. Em outra situação, a palavra saiu facilmente, sem gagueira? Antes de falar aquela palavra, o que é que você pensa?

S1. É. Pensa que vai errar e na maioria dos casos a gente erra. Por isso, quando você fica focado em saber o que você está falando é um pouco melhor. Vou prestar atenção no que quero falar, e falar! Que é o que é pregado aqui. É raro, mas eu sei que é correto.

Analisando a sequência discursiva acima, afirmamos que para a gagueira acontecer é necessário pensar sobre a fala (em S1). Azevedo (2006) afirma que a previsão do *erro* marca o dizer do sujeito que gagueja, uma vez que, antes de falar, ele já tem a certeza de que gaguejará. Sabemos que não é possível determinar quando iremos “falhar”. Ao ser “vigiada,” na tentativa de controle, a língua perde seu caráter espontâneo, necessário para gerar fluência. Assim, a gagueira está diretamente relacionada à certeza *a priori* do erro. A terapeuta questiona se o “problema” está na articulação das palavras. Se, em outros momentos, a palavra ou som sai sem dificuldades, distancia-se de um impedimento no sistema articulatório do sujeito. É interessante marcarmos o uso da palavra “problema” no dizer da terapeuta, marcando que existe uma dificuldade, no entanto, não é essa, não está na articulação da palavra ou som.

Mais adiante, o sujeito conclui que necessita transferir a preocupação de *como* falar para o que *vai* falar, assim, é “*um pouco melhor*”. Em seu discurso, o sujeito relata a dificuldade de deslizar a importância que se dá à fala para o conteúdo (argumento, assunto, ideias). É muito comum esse dizer no discurso do sujeito que gagueja, o sujeito

afirma que, em algumas ocasiões, ficar preso à fala faz com que o conteúdo do dizer seja “esquecido”. Azevedo (2000) diz que o discurso desses sujeitos *aprisionados* pela língua, bloqueiam a fala. A autora afirma que na dicotomia língua e fala, o sujeito fica subordinado pela dimensão de língua, preso ao dizer da impossibilidade.

Na mesma sequência discursiva, há um deslizamento no discurso do sujeito, que não tem certeza que “só gagueja” porque em seu discurso está marcada a certeza *a priori* do erro (também por isso, mas nem sempre, já que afirma ser “na maioria das vezes”).

Em “*um pouco melhor*”, marca o quanto o sujeito é censor de sua própria fala, afinal, não “fica melhor”, fica “um pouco melhor”. Na verdade, o discurso é marcado por uma “reprodução” do que é “*pregado aqui*”. O sujeito parece colocar em questão a unicidade daquilo que é dito no grupo terapêutico, já que o sujeito conhece (ou acredita) que a gagueira pode ter origem em outras questões (emocional, psíquica, hereditária, neurológica...), no entanto, o seu dizer é marcado pelas condições de produção (CP) do GEAG. O dizer “pregado”, além da carga religiosa, trazido pelo discurso religioso, remete à memória discursiva do âmbito religioso. Afinal, é através da cerimônia religiosa que a “palavra de Deus” é pregada. Orlandi (2009), *em A linguagem e seu funcionamento*, faz considerações sobre esse processo discursivo, que impede a reversibilidade. É fundamental a distinção entre os lugares sociais no discurso religioso. O discurso ainda que traz à tona a questão da fé. Fé que garante, também, a “cura”. Antes de fazermos mais considerações sobre a certeza do erro, trataremos mais sequências discursivas para corroborar com aquilo que marca o dizer do sujeito que gagueja.

Sequência Discursiva 2

T. Tem a previsão desse erro, né?

*S2. E ficamos num ciclo vicioso, né?
Gagueja, aí, acredita que é gago
mesmo, prevê o erro, gagueja de novo.
Reforça a gagueira, gagueja.*

S3. Eu fico pensando “eu vou falar aquilo, eu vou gaguejar”. Eu não deveria ser assim, não deveria pensar assim, mas eu penso assim. O costume já de eu gaguejar. Eu já penso que vai dar errado por conta dela.

S4. Se eu falar /sem pensar na palavra antes é sem problema.

Observa-se que a previsão da (possível) falha que ocorrerá antes do momento de fala é uma evidência no discurso dos sujeitos da pesquisa (em S2 e S3). O sujeito que gagueja tem o dizer marcado pelo equívoco e isso é trazido pelo sujeito no processo terapêutico e evidenciado pela terapeuta quando ele fala da impossibilidade de falar determinados sons.

O sujeito, quando ingressa no GEAG, ao falar da gagueira, não faz alusão à perspectiva discursiva, porque as concepções difundidas sobre a gagueira se afastam do âmbito discursivo (da linguagem). No entanto, o sujeito ao falar sobre a sua gagueira lista inúmeros sons ou palavras que, *a priori*, está certo do fracasso. A proposta terapêutica consiste, também, que o sujeito identifique a previsão do erro. Assim, após identificado, é explicado que, na perspectiva discursiva, nada garante (fisicamente, psicologicamente, emocionalmente) que o sujeito irá gaguejar além do discurso que precede a fala. Esse é um/o fundamento para que a gagueira aconteça, se materialize. É o que acontece em S2 e S3: enxergam a gagueira antes mesmo que ela aconteça, é como se o discurso se concretizasse. Assim, os discursos acima já estão marcados pelo dizer da terapeuta. As instâncias do discurso, do sujeito, das condições de produção orientam o trabalho terapêutico sob a perspectiva linguístico-discursiva e a compreensão dessas instâncias dá-se no processo terapêutico, a partir de questionamentos e reformulações.

Uma das propostas terapêuticas realizadas no grupo, que gera efeito de fluência, é tentar identificar na fala de outros sujeitos momentos de disfluência natural, já que todos gaguejam em um determinado momento. Fazer a previsão desse determinado momento possível de falha é o que marca o sujeito que gagueja. A proposta terapêutica

do GEAG respalda-se em eliminar as previsões da gagueira e entender que a gagueira está no funcionamento da linguagem; assim, o sujeito realiza menos previsões de erro. “*Não pensar na palavra antes é sem problema*”, conforme enuncia S4. Eliminar a previsão garante fluência ao sujeito, porque ele passa a identificar um momento de gagueira durante ou após o seu aparecimento e não antes.

Em S3, a situação é sempre de alerta: “*eu vou falar aquilo, eu vou gaguejar*”. Quando o sujeito fala em “*costume já de eu gaguejar*,” indica que ficar preso à língua reafirma a gagueira. Em S4, analisamos que o sujeito sabe que não pensar na sua forma de falar “liberta” a sua fala, e conseqüentemente, o “liberta” da posição sujeito que gagueja, já que “*sem pensar na palavra antes é sem problema*”, não prever o erro é uma condição de produção geradora de fluência.

3.2. Sobre a antecipação...

Uma das condições de produção do discurso é a antecipação, capacidade que o sujeito tem de representar a ele mesmo e ao outro, no discurso. Sobre esta posição, analisaremos quatro sequências discursivas.

Sequência Discursiva 3

T. O que é avaliado na apresentação de um trabalho?

S1. O conteúdo.

S2. Você tá avaliando a si mesmo também numa apresentação de trabalho. O que a outra pessoa tá avaliando...

T. E o que você acha que a outra pessoa está avaliando enquanto você tá apresentando um trabalho?

S1. 2. A outra pessoa está avaliando o conteúdo.

T. É? De verdade você acha isso?

S1.3. Algumas pessoas, não todo mundo. Tem pessoas que ligam...

T. E quando você tá lá apresentando o trabalho, você está pensando nas pessoas que ligam ou que não ligam?

S1. 4. Nas que ligam.

T. Elas podem tá pensando em quê?

S1. 5. “Ela gagueja, há-há-há!”

S2.2. Por dentro ficam zombando.

S3. “Ele gagueja”. É aquele pensamento, já vai ter um olhar, isso no olhar, eu percebo isso no olhar.

S1.6. “Bichinho, ela gagueja.”

S4. Tudo muda, dá pra perceber, o pescoço, o olhar, o gesto...

Como já expomos em nossas considerações sobre o conceito de antecipação articulado com a gagueira, voltamos a repetir que o sujeito que gagueja espera seu momento de locutor como uma tarefa árdua. Além da previsão do erro, o sujeito é silenciado pela posição em que considera ser colocado pelo outro.

Existem posições discursivas potencializadoras da gagueira, que, na sequência discursiva acima, é a apresentação de trabalho. Para Azevedo (2000, p.64), a língua por si só não desloca o sujeito para a posição de gago, logo, para que haja gagueira, é absolutamente fundamental existir o outro. Esse outro deve ocupar a posição de intérprete.

Os quatro sujeitos da sequência discursiva preocupam-se, na hora da apresentação, com os intérpretes que consideram capazes de interpretá-los como gagos. É interessante pensarmos, a partir das sequências S1.5, S2.2, S3 e S1.6, os sentidos da gagueira que circulam em memórias discursivas que reproduzem o “coitadismo”. Os discursos dos sujeitos se relacionam com outros, pelas formações imaginárias, resultados de processos discursivos anteriores, através de personagens cômicos (em desenhos e novelas), no contexto sócio-histórico.

Os discursos acima se ancoram no que Orlandi (2000, p.39) fala sobre o mecanismo de antecipação. Segundo a autora, “todo sujeito tem capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras”. A antecipação é constitutiva do sujeito, no entanto, o sujeito que gagueja, ao antecipar, coloca o outro no lugar de *julgador*. O interlocutor o prenderá ao significante “gago”.

No recorte discursivo acima, S5 considera, em uma apresentação de trabalho, que o conteúdo é mais importante. No entanto, depois de questionado pela terapeuta, o sujeito “reformula” o dizer (ou faz um deslizamento discursivo). O ponto de referência é sempre o outro, aquele que o prende como sujeito que gagueja: o sujeito que gagueja se coloca numa posição de sujeito submetido à interpretação que o outro (seu interlocutor) realiza dele.

Pêcheux (1975) define que as formações imaginárias sempre resultam de processos discursivos anteriores e como mecanismos de funcionamentos discursivos. Na antecipação, todo sujeito é capaz de pôr-se no lugar, enquanto imagens resultantes de suas projeções. É nela que a formação imaginária se manifesta.

O que acontece com o sujeito que gagueja é que o ouvinte é tomado como hierarquicamente superior ou mais crítico. Assim, o sujeito que não gagueja antecipa a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem/produzirão; o sujeito que gagueja o antecipa, especialmente, em relação à forma da fala e não ao conteúdo. As condições de produção de um discurso incluem o sujeito e o contexto em que ele se encontra, o lugar a partir do qual o sujeito fala é componente do que ele diz.

No recorte discursivo acima, os sujeitos (S5, S6, S7, S8) afirmam que conseguem identificar, em determinadas situações, o outro, como a pessoa que o

identifica como gago. O sujeito antecipa aquilo que o outro poderá pensar sobre ele, o que cristaliza o sujeito à gagueira e, provavelmente, ao falar, ele gaguejará. Tudo o que o outro fizer, será classificado como uma sentença ao sujeito, em S4.

Em outro momento, o sujeito reflete sobre a antecipação:

Sequência Discursiva 4

T. E vocês, o que vocês fazem?

S5. Tento ficar calmo, tento pensar que a pessoa não tá vendo tempo (aponta para o relógio), penso que a pessoa que quer me ouvir, não quer me ouvir rapidamente. Eu tou pensando no que ela tá pensando, ela quer me ouvir.

S6. Eu acho que às vezes porque a gente pensa, eu, né? Que vai falar já parando, já, e às vezes você fala a palavra sem pensar, aí fala, aí pensa: eu falei sem gaguejar.

S7. Se fala ou não gaguejando, você tem que falar.

A antecipação é um acontecimento constitutivo para todos os sujeitos. Para o sujeito que gagueja esse processo fica preso a sua imagem como gago. Uma característica presente no discurso desse sujeito é que para ele o outro não ocupa apenas a posição de interlocutor. O seu interlocutor também fica preso à posição de “juiz de sua fala” e encarregado de dar a ela uma interpretação negativa. Dificilmente, o interlocutor

traz a tona algum juízo sobre a fala do sujeito que gagueja; no entanto, o sujeito, pela antecipação, o amarra nessa posição.

Azevedo (2006) afirma que a gagueira não se encontra naquele que fala, como também não está no outro, como aponta o sujeito que gagueja, mas encontra-se vinculada às condições de produção, no discurso. Na antecipação, o sujeito que gagueja identifica o seu interlocutor como um julgador de sua fala, ou seja, o sujeito antecipa tudo aquilo que o outro poderá pensar sobre ele. No recorte discursivo acima (S5 e S7), os sujeitos observam o conteúdo de suas falas e libertam-se da tensão de “*pensar se gaguejarei ou não*”, “*eu tou pensando no que ela tá pensando, ela quer me ouvir.*” Aqui, é interessante analisarmos que, em S5, o sujeito ainda situa a gagueira na dicotomia calma x nervoso, discurso que circula na sociedade e que associa a gagueira ao nervosismo, assim como relaciona a gagueira à mentira. Durante entrevistas de emprego, é comum utilizar-se como critério de avaliação a fluência. Assim, de acordo com os sujeitos da pesquisa, é muito difícil se passar em um concurso e/ou entrevista de emprego, porque quando gaguejam, são analisados como estando inseguros ou mentindo.

O “*Falar a palavra sem pensar*” garante “fluência”. S6 elimina a previsão do erro e percebe que foi fluente, a fluência não foi “cobrada” antes de falar, foi percebida depois. Ainda podemos levar em consideração aquilo que é proposto no processo terapêutico: a gagueira afasta-se de um problema articulatório (ou alteração da articulação). Se a gagueira de S6 estivesse na articulação (na musculatura), ele não seria fluente (falaria sem gaguejar) em nenhum momento, diferentemente do que aconteceu.

No processo terapêutico, também é enfatizado que o sujeito deve desprender-se de um discurso de “impossibilidade”. Por exemplo, situação discursiva como: “não vou falar porque gaguejo”, mantém a posição sujeito que gagueja. Azevedo (2000, p. 59) diz que discursos como esse “cristalizam o sujeito numa posição que atesta a sua gagueira”.

O sujeito não falará uma determinada palavra porque gagueja, esses discursos reforçam a FD da gagueja, são discursos que prendem nessa posição de impossibilidade. Utilizaremos discursos que prendem e discursos que libertam nas análises. Discursos que predem são aqueles que reforçam o sujeito na FD da gagueira – seria a identificação do sujeito com essa FD. Nessa formação discursiva, o sujeito faz manutenção/sustenta

discursos que o mantém na posição sujeito que gagueja. Os discursos que libertam seriam aqueles em que o sujeito questiona a FD da gagueira (questiona/interroga), uma contra-identificação e “impulsiona” um possível descolamento (desidentificação) para a FD da fluência.

Em S7, “*tem que falar*” é uma garantia que gaguejando ou não o sujeito falará a palavra e não ficará preso ao significante “gago”, posição geradora de fluência. Acreditamos que é um “movimento do sujeito”, o sujeito que gagueja enfrenta (sem utilizar truques e/ou estratégias) a situação discursiva. Ele poderia usar da substituição de palavras, ou truques que assegurassem o significante de não-gago, no entanto, o sujeito confronta essa posição.

A força dessa antecipação é tão forte que, se o interlocutor elogia a fala do sujeito que gagueja, percebendo uma melhora nos bloqueios, ou momentos de fluência, o sujeito que gagueja adota uma postura “negativa”. Como podemos observar na sequência discursiva abaixo:

Sequência Discursiva 5

S8. Um amigo percebeu que fui fluente, assim... gaguejei menos. Falei que estava em tratamento e melhorei um pouco... Ele disse que “melhorou muito”, o que significa que eu gaguejo muito, né? Não sei...

Em S8, mesmo com o elogio do seu interlocutor, o sujeito duvida de uma possível “melhora”. Na maioria das vezes, o sujeito que gagueja fica alienado aos seus momentos de (só) gagueira e não consegue observar a fluência que existe nele. O funcionamento que acontece com o sujeito é: maximizar os momentos de gagueira (contar os bloqueios, as repetições) e minimizar os momentos de fluência. Mesmo perceptível para o outro, o sujeito que gagueja “desconfia” do elogio recebido, o efeito de sentido do “melhorou muito” para o sujeito que gagueja é o inverso. Como não temos o controle dos sentidos do nosso discurso e ele não possui um único sentido, nem é transparente, o sentido dado para o elogio do interlocutor reforça, para o sujeito que gagueja, o quanto ele gagueja: “*significa que eu gaguejo muito, né?*”.

A sequência discursiva a seguir refere-se a um sujeito que questiona a antecipação do outro como um “julgador de sua fala”. Ele “sabe” que ficar preso a uma possível interpretação do seu interlocutor, representado dessa forma, trará, como efeito, mais gagueira:

Sequência Discursiva 6

S9. O erro que eu vejo assim, não tá no olhar, ou na pessoa, o erro tá na gente mesmo. É muito difícil uma pessoa tá conversando e olhar pra baixo. Eu mesmo olho pra baixo, olho pra cima. Eu penso, mas tento não crer que é por causa disso. Vai fazer o quê? Se a gente for se apegar nisso... O erro da gente é ficar mal por causa disso, não é dele, é da gente. O ruim da gagueira é pensarmos nisso, nela: “eu vou gaguejar, ele vai reclamar, ele vai perceber”. Aí, pronto, a gente começa a gaguejar.

Em S9, o sujeito se identifica com a FD gagueira e ocupa a posição sujeito que gagueja. No entanto, se distancia. De acordo com a Análise do Discurso, acreditamos que esse é um processo de contra-identificação. Pêcheux (1988, p.215) fala em “uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...)”. Nesse caso, o sujeito questiona os saberes: “o erro tá na gente mesmo”. Esse discurso “liberta” o sujeito da interpretação que o interlocutor é quem julga sua fala e o identifica como gago. Ou seja, apesar de estar numa mesma FD (gagueira), a contra-identificação da posição sujeito que gagueja instaura que existem diferenças e divergências, ou seja, não é homogênea. O sujeito do discurso se contrapõe à forma-sujeito da FD.

Acreditamos que “observar a gagueira” e questioná-la faz parte do processo terapêutico e esse “processo” é um deslocamento do sujeito, da posição em que se encontra. É a partir desse processo que o sujeito se distancia (se liberta) da Formação Discursiva da gagueira, podendo se inserir na FD fluência.

3.3. Sobre a Impossibilidade de “Errar”...

O sujeito que gagueja mantém uma posição discursiva do rigor absoluto sobre a “perfeição” na fala. Com isso, ele fala fluentemente, mas se gaguejar em uma palavra apenas, todo o seu dizer ficou “comprometido”. Assim, é impossível errar e ele considera que poderia ter controle sobre a sua fala. A partir desta posição, trabalharemos com uma sequência discursiva.

Sequência Discursiva 7

SI. A minha é fala, ela é a minha maior felicidade e a minha maior dor. Recentemente eu fiz um curso de oratória. [...] a minha primeira apresentação foi um desastre. Não foi nem pelo fato de eu ser disfluente, assim, mas foi por eu não saber, a mão, saber onde botar, tal, tal. No último dia, eu fiz a apresentação incrivelmente bem. Foi a maior felicidade. Pena que foi dois minutos. Por quê? Eu saí do

primeiro andar, descii, o camarada me ofereceu uma carona, só pra falar que “não, eu tenho carro”. Nesse momento, eu... pronto, travou tudo. Acabou.

S1 afirma que a sua fala é a maior felicidade e, também, a sua maior dor. O desejo de falar é acompanhado pelo sofrimento (pela língua) sujeita a falhas. Todo sujeito é disfluyente, apresenta lapsos na linguagem, o que é constitutivo da língua. Para esse sujeito, não lhe é permitido, por ele mesmo, possibilidade de hesitações. O desejo é de uma fala sem imperfeição.

Em toda a atividade, o sujeito 1 foi muito bem, mas um pequeno “erro”, o conduz à insatisfação e finalização imediata da felicidade, com a sentença atribuída por ele mesmo: *acabou*. Como, para o sujeito que gagueja, a sua fala é motivo de grande sofrimento, a auto-cobrança pela perfeição é tão forte que a felicidade (e tristeza) depende de como será a sua fala (se apresentará disfluências ou não). É uma batalha solitária para falar bem.

Esse sujeito não utiliza a palavra “gagueira” para falar dessa questão, Assim, em vez de “gaguejei”, ele desliza o sentido, metaforicamente, para “*travou*”.

3.4. Sobre a Posição Sujeito que Gagueja...

Há uma posição sujeito que gagueja, que ocupa a FD gagueira. Essa posição está marcada por um dizer da impossibilidade, da previsão, da certeza de gaguejar. Sobre esta posição, analisaremos a sequência discursiva oito.

Sequência Discursiva 8

S1. Você falou aí um negócio que, é o seguinte: tu querendo ser gago, e a

T. *Você só é gago se você se vê como gago. Se você não se vê como gago, você não é nada!*

mulher dizendo: “você não é gago!”. Aí tinha um menino que ele gaguejava, assim. Só que ele, ele não achava que ele era gago, assim. Eu pensava que ele era. Aí, ele tava lá gaguejando, aí eu falei “poxa, bicho...” eu falei uma coisa mais ou menos assim: “eu também sou gago”. Rapaz, ele “eu num sou gago, não!” [...] aí eu peguei, fiquei com a consciência pesada: será que o cara não era gago, aí eu agora implantei a ideia nele? Aí, agora o cabra vai ficar pensando... [...] porque assim, pra pessoa ser gago, basta que alguém é, insinue que ele seja!

S2. *Disfluência não significa gagueira. Porque todo mundo é disfluente. Agora, o nosso caso é o que, é porque nós temos a disfluência, e acreditamos que somos, aí pronto. Quando eu vir que tou melhor eu não sou mais, vou levar*

Existem casos no grupo, em que o sujeito se reconhece como gago, mas que nenhum ouvinte o interpreta como tal, porque ele não gagueja efetivamente. Aqui, devemos nos lembrar da consideração feita anteriormente sobre disfluência e gagueira. Nesse caso, S1 identifica o outro com gagueira por identificação (estranhamento?) à sua fala, no entanto, o outro não se vê, não ocupa a posição de sujeito que gagueja. Nesse

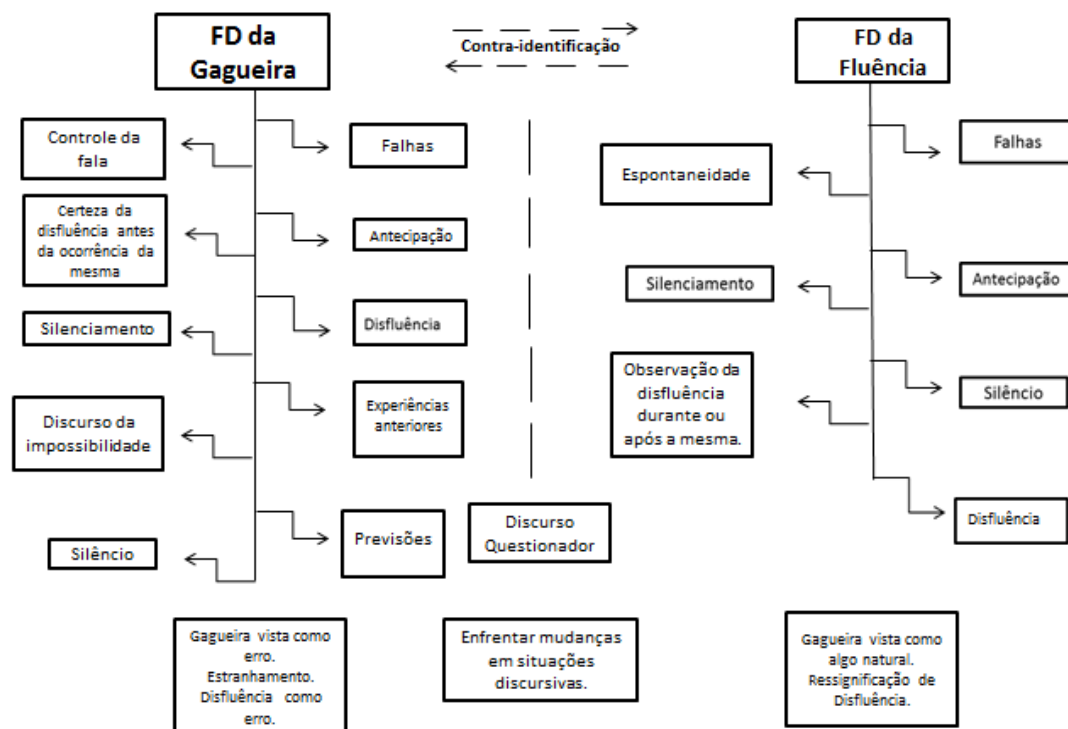
caso, o sujeito pode apresentar gagueira (bloqueio, hesitações, prolongamentos), causar estranhamento no outro, mas ele próprio não se interpreta como gago, não se “identifica” na posição *sujeito que gagueja*, não está identificado na FD da gagueira.

Em S1, “*Será que o cara não era gago, aí eu agora implantei a ideia nele?*” faz referência ao processo de aquisição de linguagem. Em relação à linguagem gaguejada (repetições de sílabas ou palavras), em sua fase considerada natural, a família passa a identificar a criança como gaga, angustia-se e cobra dela uma postura linguística incompatível para aquele momento. Dessa forma, o adulto (família ou escola), muitas vezes, interpreta a fala da criança como gaguejante. Segundo Azevedo (2000), a partir daí, de sujeito falante assemelhado ao outro, depara-se com a diferença, o não-assemelhamento, podendo passar a sujeito que gagueja silenciado pelo outro. Assim, é importante pensarmos como o sujeito que gagueja é inscrito (pelo outro) nessa posição e, como ele se posiciona, se “vê”, identificando-se ou não com ela.

Na posição sujeito que gagueja, a gagueira é vista como erro, falhas não são tratadas como disfluência (como integrante da linguagem), o sujeito (pensa que) controla (e tenta controlar) a fala. Na posição sujeito “fluente”, falhas são vistas como disfluências, espontaneidade na fala, gagueira é vista como algo “natural”. O discurso de S2 marca essa mudança. Apesar de usar a palavra disfluência para marcar duas posições, o sujeito usa a palavra “*melhor*” para marcar uma mudança: “*quando eu vir que tou melhor eu não sou mais...*”.

Elaboramos uma figura, que segue abaixo, para melhor visualização do leitor com relação às posições sujeito que gagueja e sujeito fluente:

Figura 1.



Na **FD da gagueira** temos posições discursivas (controle de fala, falhas, antecipação, silenciamento, disfluência, experiências anteriores, previsões, discurso da impossibilidade, silêncio). Nessa FD, a gagueira e disfluências são vistas como *erro*, na medida em que se acredita em uma fala perfeita, sem deslizes. Essas posições representam, no processo discursivo, os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Nessa FD, os sujeitos participantes do GEAG se identificam (forma-sujeito) a esta FD, se inscrevendo na posição sujeito que gagueja. Assim, o sujeito reproduz os sentidos inerentes à FD na qual está interpelado.

A proposta terapêutica do grupo consiste, também, que o sujeito enfrente mudanças em situações discursivas para que, ao se contra-identificar, o sujeito possa gerar efeitos de mudança na posição de sujeito que gagueja para a de sujeito-fluente (desidentificar-se com a **FD gagueira** e identificar-se com outra FD – **FD fluência**). Nesse processo de contra-identificação, o sujeito identifica e questiona a previsão do *erro* na sua fala, reconhece situações discursivas de silenciamento e confronta, identifica e compreende que existem condições de produção geradoras de fluência e de

gagueira. É na contra-identificação que confronta/questiona determinados saberes daquela FD que o constitui como sujeito que gagueja.

A desidentificação se assinala pela negação àqueles saberes inerentes a sua forma-sujeito (a ilusão de unidade do sujeito). Nesse sentido, o sujeito se distancia da **FD gagueira** e se insere em outra FD, a **FD fluência**. Na nova FD, ele se identifica com outros saberes, ligados à outra forma-sujeito: espontaneidade ao falar, disfluência, falhas (vistas como constitutivas do sujeito/linguagem). É interessante falarmos que as fronteiras das FDs, além de heterogêneas, são porosas, e, neste caso, existem saberes em comum, além de posições que constituem sujeito e linguagem.

Nas análises discursivas das transcrições feitas a partir das gravações das sessões do GEAG, é interessante analisar a postura, interferências e questionamentos do terapeuta. Na posição discursiva ocupada pela terapeuta, o ato falho no segmento “*Você só é gago se você se vê como gago. Se você não se vê como gago, **você não é nada!***” marca o interdiscurso da **FD gagueira**, uma vez que, do lugar de terapeuta, interessa manter o grupo. O ato falho seria um “ato bem sucedido” do ponto de vista do inconsciente, como diz Lacan (1999), já que é uma formação do inconsciente que passa para o consciente à revelia do sujeito. O ato falho atesta que sem a gagueira, o sujeito não é nada para o grupo, ou seja, só permanece no espaço constituído quem gagueja.

3.5. Sobre as palavras que não podem ser ditas...

Há uma lista de palavras e sons proibidos na FD gagueira. Dessa forma, os sujeitos listam a impossibilidade de dizer palavras como gagueira, gago, croquete, viaduto, bem como fonemas, como /p/, /k/, /t/, /f/ e tantos outros. Sobre esta posição, analisaremos a sequência discursiva nove.

Sequência Discursiva 9

T. Existem algumas palavras que você não fala? Tem algumas letras mais

difíceis, ou tudo é difícil? Como é que é?

S. Algumas falo, algumas não falo.

T. Tem umas palavras mais difíceis do que outras?

S1. Tem sim.

T. Quais, por exemplo?

S1.2. Falo rápido. Essa: “paralelepípedo”.

T. Fala rápido pra tentar se livrar logo da fala, ou não, fala rápido mesmo?

S1.3. É... Acho que não. Não sei, são palavras que não falo, fujo. Coloco outras.

T. E letra, tem alguma letra que você acha difícil de falar?

S1.4. São as palavras, são frases. “Mãe” eu não gaguejo, mas em “pai” eu gaguejo. Tenho que falar “o pai”, “painho”. O “p”, é letra, a palavra.

Percebemos que a maioria dos participantes do GEAG, chega com uma lista de palavras indizíveis. São palavras que não podem ser ditas porque algo diz que, antes de falar, elas não “sairão”.

Antes de analisarmos a sequência discursiva acima, faremos uma analogia com o discurso poético. Alfredo Bosi, crítico literário, em *O ser e o tempo na poesia*, fazendo

considerações para além do poema, afirma que, no poema, força-se o signo para o reino do som. Propomos aproximar Bosi para a análise discursiva, quando o autor, em outras palavras, se refere aos poetas como sujeitos tristes, porque a palavra “gato” não mia, cachorro não late. O autor se refere ao “som do signo” (2000, p. 42). O ponto de convergência está aí: para o sujeito que gagueja, a palavra *gagueira*, gagueja. Para esse sujeito, falar sobre a sua gagueira é muito difícil. De acordo com Azevedo (2000, p. 85) falar sobre a gagueira tem como efeito mais gagueira.

Em S1.2, a palavra “paralelepípedo”, de maneira geral, é difícil de ser pronunciada, pois, além da dificuldade fonética, o sujeito fala rápido para “livrar-se” da dela. *Fugir* remete à prisão, à fuga, a estar preso a uma palavra ou frase. Para esse sujeito, estar à frente a uma palavra que gagueja/que gaguejará é ficar “cara-a-cara” com a gagueira, assim, fugir da palavra é fugir da gagueira. Na mesma sequência discursiva, o sujeito substitui palavras, estratégia que reafirma a gagueira, afinal, algo deve ser colocado no lugar antes que ela ocorra.

As reformulações, correções e auto-correções se dão, como acontece com o erro, sob a forma de substituições. Isso significa que elas também remetem a processos metafóricos e metonímicos, que implicam o reconhecimento da diferença entre a unidade a ser substituída e a que vem substituir. Esse reconhecimento, porém, é também determinado por um processo identificatório que se dá na linguagem como movimento de assemelhamento à fala do outro.

Segundo Azevedo (2000), o que dificulta a fala do gago é a seleção das palavras ou fonemas, não por difícil acesso a elas, mas porque o sujeito que gagueja fica no estado de vigilância com a fala. Substituir uma palavra no lugar de outra que ele acha incapaz de falar significa que terá que acessar o eixo paradigmático, de forma consciente, na gagueira. Ele terá que escolher rapidamente uma palavra para a substituição de uma que “travou” (ou poderá “travar”). A seleção de palavras (eixo da formulação) é afetada por esse motivo.

Na gagueira, as substituições ocorrem por tentativa de acesso a elementos de estruturas mais simples que favoreçam a “libertação” do discurso. Isso faz parte das formações imaginárias do sujeito, uma vez que não funcionam assim. Conforme Azevedo (2000), ao atender ao telefone, um dos sujeitos de sua pesquisa substitui o

“alô” por “pronto”, por considerar a primeira palavra impossível de ser dita. A análise fonológica, entretanto, atesta a maior dificuldade da segunda, que contém um grupo consonantal. Pode-se afirmar, a partir daí, que não é o significante que “carrega” a gagueira, mas as condições de produção do discurso.

Em S1.4, o sujeito afirma que precisa de um som de apoio, nesse caso o artigo definido “o”. Provavelmente, o artigo inibe a previsão de um erro que viria na emissão do fonema temido: um oclusivo. Neste caso, baseados na proposta discursiva, afirmamos que o sujeito que gagueja utilizou uma estratégia discursiva (aquela em que o sujeito age sobre o discurso).

3.6. Sobre Silenciamento...

O sujeito que gagueja, frequentemente, ocupa uma posição que gera o efeito de silêncio. Muitas vezes, ele coloca o outro na posição de quem o silencia, apesar de isto não estar no outro, mas nessa posição em que este é mantido. Sobre o silenciamento, trabalharemos a sequência discursiva dez.

Sequência Discursiva 10

*SI. Às vezes assim, eu marco/marco né?
Pra sair. Assim... barzinho. Na hora de
falar, eu fico assim na minha, calado.
Só falo só, coisas pequenas. Frases
pequenas.*

*T. Na verdade você queria falar muito
mais do que isso?*

SI. É...

T. Mas você num quer se expor, né?

S1. Tenho sim. Fico calado, em silêncio, pensando: “por que que eu não falo”, mas não falo...

S2. E eu acho que todos aqui, queriam dizer mais do que realmente disseram, mas foram tolhidos de alguma forma. A minha principal queixa é às vezes dizer menos do que quero dizer.

T. Você usa algum tipo de truque para evitar a gagueira?

S3. Tenho vários truques, a /seleção das palavras, substituição ou deixo de falar.

T. Isso incomoda?

S32. Incomoda, você sente excluído de você mesmo. Deixo de dizer certas coisas por vergonha. Nas apresentações eu seleciono palavras antes, substituo por outras, sinônimos para que ninguém perceba que gaguejo.

Azevedo (2000) afirma que quando o sujeito que gagueja prefere não ocupar o lugar de falante, significa que, muitas vezes, o outro o silencia e, desta forma, ele termina protegendo-se, ao se entregar e deixar-se envolver pelo silêncio. Na verdade, o sujeito gostaria de dizer, mas se protege no silêncio, por representar o outro como analista de sua fala e por vergonha, como referido em S3.

O sujeito que gagueja exerce uma postura crítica sobre si e obriga-se a ficar em silêncio. Quando isto ocorre, ser silenciado é fonte de grande angústia e sofrimento. O silêncio é utilizado como “autoproteção”. Ele preferirá o silêncio porque, para esse sujeito, demonstrar a gagueira fará com que o outro o julgue como mau falante. Ainda temos a política do silêncio, retomando Orlandi (2007), em que, ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos, tem o dizer interditado.

Desta forma, nessa perspectiva, devemos pensar no silêncio como processos de significação, isto é, o discurso. Em (S), “... *ou deixo de falar*”, é efeito do silenciamento, a consequência do silenciar que o incomoda. O sujeito que gagueja relaciona-se com uma sociedade que culturalmente “não aceita” a sua produção linguística e atrapalha sua integração com a sociedade, que por sua vez cria expectativas em relação à fluência da fala, ou seja, a memória discursiva traz à tona os já-ditos sobre gagueira e o ser gago. Personagens em novelas e desenhos são sempre carregados de humor por possuírem gagueira, vistos como tímidos e/ou frágeis, provocando o riso.

Na sociedade existe um padrão de fluência, o mito sobre a fluência da fala, a imagem de um falante que jamais gagueja ou em raras situações apresenta uma repetição silábica ou hesitação. Friedman (2001; 2003) afirma que quando esse mito está presente no processo de socialização primária, pode levar a interpretações prejudiciais e indesejáveis de momentos de fala repetitivos, disfluentes. Segundo a autora, “abre-se a possibilidade de que sentidos negativos se ancorem subjetivamente às vivências de produção de fala”. A visão de mau falante fará parte da construção da versão de si como pessoa (FRIEDMAN, 2001 p.136). Friedman (2003) destaca que esse efeito gera um processo de previsões do aparecimento das disfluências. Ela afirma que

isso tem efeitos peculiares sobre a produção da fala no plano da objetividade, especialmente o aparecimento de tensões musculares ao falar, inaugurando um novo modo de produção de fala. A esse processo subjetivo/objetivo de produção de fala chamamos de gagueira sofrimento (FRIEDMAN 1985, 1994, p.125).

Quando o sujeito que gagueja percebe que poderá ser disfluente (que irá gaguejar) em uma palavra ou fonema, ele se cala e frustra. Há uma situação de conflito no discurso: falar ou não falar, falar ou silenciar (o sujeito é impedido por si mesmo de falar). Azevedo (2006) também caracteriza como um discurso da impossibilidade: em

algumas ocasiões o sujeito preferirá ficar em silêncio por não acreditar que sua fala ocorrerá sem gagueira. Em seus estudos, a autora afirma que esse sujeito utiliza estratégias defensivas de evitação ou adiamento da gagueira que, afinal, apenas a ratificam: substitui palavras, repete, bloqueia sons, bate o pé, a mão. São estratégias que o identificam como sujeito angustiado por ocupar a *posição sujeito que gagueja*. Assim, ele acaba identificando o seu ouvinte como censurador. Isso acaba se manifestando e interferindo na espontaneidade do ato de falar. Há uma ruptura no processo linguístico-discursivo, que gera condições para a produção de uma fala com gagueira.

3.7. Sobre o “Mito” de fala perfeita...

Existe um discurso trazido pelos sujeitos que gaguejam que diz da “fala perfeita” dos locutores, dos terapeutas e de pessoas, de uma forma geral. No entanto, a fluência é constituída de disfluência, de hesitações, pausas, reformulações e repetições. Sobre essa posição, trabalharemos a sequência discursiva onze.

Sequência Discursiva 11

T. Eu acho que o primeiro de tudo é ver essa questão de “falar bem” pra você, né? Porque se for “não, não quero gaguejar nunca”. Não existe uma fala que seja cem por cento fluente. Se você for observar, todo mundo gagueja. Então acho que é interessante você começar a observar a fala do outro.

S3. Eu queria ter noventa e nove por cento de fluência.

T. Sim, aí quando você percebe o momento de gagueira? Você tá lá falando, fluente e tal, aí, “gaguejei”.

S4. Tudo bem. Mas veja, em casa com a minha irmã. É uma pessoa que eu vejo o dia todo. Há momentos que involuntariamente eu travo. Eu travo bastante. Eu tô calmo, eu sei o que eu vou falar, [...] nesse momento eu não tava pensando em nada. Mas mesmo assim. Involuntariamente, é incrível, trava.

T. E esse momento é levado como algo natural, que pudesse ter sido a sua irmã, ou eu que tivesse gaguejado, ou ele é levado como um erro?

S4. Esse aí é o meu problema. Eu acho que isso em mim é incompetência de fala. Eu acho um erro...

É interessante pensarmos na exigência sobre a fala que o sujeito que gagueja apresenta e em como o sujeito procura um padrão ideal. Em S3, quantificando a fluência, o sujeito afirma querer noventa e nove por cento de fluência. Não gaguejar é algo que extrapola a linguagem, inatingível. Assim como o silêncio é fundante/constitutivo da linguagem, as falhas também o são. Ao afirmar “*momentos que involuntariamente eu travo*”, o sujeito destaca um momento de gagueira natural. No entanto, esse momento não é identificado por ele, devido ao valor dado à disfluência. Para ele, qualquer deslize ao falar será considerado “erro”. A afirmação de “incompetência na fala” marca uma inabilidade que o sujeito teria para falar. Na sequência discursiva a seguir, o sujeito utiliza o termo “normal” para referir-se a momentos de gagueira:

Sequência Discursiva 12

S1. Aí penso que acordei falando normal.

T. Mas o que é: “eu acordei falando normal”?

S2. Tem dias que a pessoa fala pouco mesmo, trava.

T2. Uma coisa é importante a gente pensar nesse conceito de “falar normal”. É uma fala sem medo? Sem gaguejar?

S1.3. Eu acho que é.

T3. Mas existe uma fala que seja cem por cento correta?

S1.4. A gente sabe que não tem, mas pra colocar isso na cabeça é complicado. A gente fica muito atento quando tá falando. Qualquer vacilo o cara gagueja. Pensou, gaguejou.

Uma questão muito importante para o processo terapêutico, para a análise e para o estudo da gagueira é o que se refere ao que é “ser fluente”? O que é fluência? Scarpa (1995) afirma que fluir é um acontecimento em que se alternam fluir e disfluir, dentro de padrões singulares a cada falante. Ou seja, o fluir (ser fluente ou não) depende da relação do sujeito com a língua. A autora afirma que não há fluência absoluta. Na verdade, existe na sociedade uma crença de uma fala sem deslize.

Em S1, neste recorte, o sujeito chama de “*uma fala normal*” a fala que não apresenta gagueira (trava), o que marca tudo o que for contrário a isso de “fala anormal” ou fora do “padrão”. Assim como concebemos a noção de sujeito incompleto, marcado pela falta, a linguagem, na sua constituição, também é marcada por isso: falhas, lapsos, silêncios.

O “*acordei falando normal*” já é previsão, é ficar atento à fala. O que acontece com o sujeito que gagueja é que a todo o momento a forma como ele fala (se apresentará falhas ou não) é o ponto central de sua atenção. Um dos aspectos nodais

desta abordagem é a previsão do *erro* antes mesmo de falar, como já vimos e que está sempre presente no discurso: o sujeito que gagueja tem certeza que vai gaguejar. Em S1.4 “pensou, gaguejou”. A certeza *a priori* marca a gagueira como certa, e a ratifica.

Em seus estudos, Azevedo (2000; 2006) afirma que o sujeito demonstra saber que não existe uma fluência total – um dos objetivos do processo terapêutico é fazer com que os sujeitos reformulem o conceito de “fluência”. No entanto, o sujeito ocupa uma posição de “não-fluente”, posição que o marca como alguém que gagueja. Esse discurso de “previsão de erro” o mantém estancado nessa posição. Desconsiderar a disfluência como “erro” é saber que as falhas são “inerentes à linguagem”. Assim, todos que estão submetidos à linguagem (e a utilizam de modo espontâneo) podem apresentar momentos de disfluência. Não só acreditamos, mas sabemos que a mudança de posição não é fácil, pois esse sujeito está assim ao longo dos anos de sua vida. Mas a resposta terapêutica já é vista, considerando que o sujeito sabe que não existe uma fala totalmente fluente. É um processo de resignificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Me procurei a vida inteira e não me achei
— pelo que fui salvo.

Manoel de Barros

Para a AD francesa, é inconcebível pensar na linguagem de uma forma completa (e homogênea) partindo de sujeitos incompletos – e assim, falhos, equivocados e preenchido por e de faltas. Antes de aproximar os estudos para os da Análise do Discurso, o contato com a Literatura me fez enxergar os outros em mim, e mais, é nela, na Literatura, que aprendi que “tudo” pode ser dito, mas muita coisa não pode. E, assim, mesmo sem saber, deu-se a aproximação com a teoria a que, mais tarde, iria me filiar. Na AD, descobri, com felicidade e espanto que: tudo não se pode dizer. Interessante pensarmos que antes mesmo da aproximação dos (dis)discursos da AD, já entendia, através da Literatura e a arte, que existe sempre alguma coisa que falta, um “buraco”, uma ruptura.

A constituição desta dissertação deu-se por três etapas concomitantes: observação e participação no GEAG, leitura da(s) teoria(s) e análise do discurso dos participantes do grupo. Desde a pesquisa inicial feita na graduação, o processo tem sido ininterrupto. Ler e entender as abordagens sobre a gagueira, a observação do Grupo de Pesquisa e Atendimento à Gagueira e estudo/apropriação e análise dos discursos do sujeito.

Na literatura, tem a Lispector, sempre “esbarrando” naquilo que não pode ser dito/no impossível de ser dito, em várias de suas obras. Em A descoberta do mundo, ela afirma: “o que não sei dizer é mais importante do que o que eu digo.” Em Água Viva, confessando a falta, afirma: “há muita coisa a dizer que não sei como dizer. Faltam as palavras. Mas recuso-me a inventar novas: as que existem já devem dizer o que se consegue dizer e o que é proibido.” Ler Clarice falando sobre “a falta/uma falta” é escutar, ou se aproximar, da incompletude (de uma incompletude) que é minha, de ausências que me constituem. E, ainda toda a sabedoria do Guimarães Rosa, em Tutaméia, “o livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber”, ou seja, nada está ali, completo, dentro do livro, muita coisa fica fora de uma obra. Por não caber, por não

alcançar. As citações estão aqui para trazer a ausência que sempre esteve presente e descortinando no sujeito aquilo que chegaria, em forma de teoria, com a Análise do Discurso.

Ter como princípio a compreensão de estudar a gagueira sob o ponto de vista da linguagem foi o que estimulou a temática deste trabalho. Pensar no sujeito que gagueja, significa envolver-se em uma discussão que inclua o sujeito e sua linguagem, e foi isso que esse estudo apresentou: ancorar-se no que propôs Azevedo (2000; 2006) e compreender a gagueira como um distúrbio discursivo. Observar a gagueira, para além de um distúrbio localizado no corpo, ou problema articulatorio, mas um distúrbio que está diretamente conectado, à sua essência, às condições de produção desse sujeito: de onde ele fala/para quem ele fala.

O objetivo de estudar a gagueira nesta perspectiva, linguístico-discursiva, foi observar e analisar o que é iminente, identificar as características, o que marca o discurso do sujeito que gagueja participante do GAEG. O fato de acompanhar o Grupo, gravar as sessões e transcrevê-las, facilitou a análise, discussão e escolha dos recortes discursivos utilizados para o resultado pretendido.

Um aspecto foi inicialmente percebido: a importância da escuta terapêutica proposta pelas terapeutas do Grupo. Os sujeitos são levados a questionar e o terapeuta interpreta e põe em questão o que foi dito pelo sujeito, levando-o a fazer reflexões sobre o próprio discurso. A partir desse aspecto ocorre o processo de ressignificação dos “conceitos” que estão presentes no discurso do sujeito.

O sujeito que gagueja tem a certeza *a priori* de que vai gaguejar antes de falar. Esse dizer, de previsão da “falha” pelo sujeito antes de acontecer é ponto nodal da perspectiva dessa pesquisa, é um discurso trazido pelo sujeito que gagueja e ingressa no Grupo. Nomeamos como certeza *a priori* do *erro* aquilo que o sujeito traz em seu discurso, mas não sabe como designar/indicar. Outro aspecto importante, identificado no discurso do sujeito que gagueja, é a força que a gagueira exerce na identidade do sujeito, pior do que gaguejar é ser reconhecido, ser apontado e discriminado como tal. Desta forma, o sujeito silencia, utiliza estratégias (substituição da palavra), acredita ser impossível dizer um som ou palavra. Nesse espaço, a gagueira acontece pelas formações imaginárias, onde se apresenta a relação de forças, de sentido e antecipação.

A partir do discurso dos sujeitos da pesquisa, identificamos posições discursivas que os sujeitos ocupam a partir da **FD da gagueira**, seus deslocamento(s), e posições discursivas a partir da **FD da fluência**. É nesse processo de identificação, contra-identificação e desidentificação. A terapia proposta pelo GEAG se desenvolve levando em consideração o movimento do sujeito no processo terapêutico.

Sobre a proposta terapêutica, no primeiro momento, identifica-se a previsão do *erro* na fala do sujeito. A partir do seu discurso, o sujeito começa a reconhecer situações discursivas que geram silenciamento e/ou mais gagueira. O sujeito fica sensível e atento às condições de produção geradoras de fluência e de gagueira para que, em uma situação discursiva, ela possa “enfrentar” a gagueira. O sujeito deve resignificar um novo sentido à linguagem, ou seja, o de que as “falhas” são constitutivas da linguagem, são naturais, distanciando-se, dessa forma, da ilusão de uma linguagem “perfeita”.

Para nós, gagueira não é doença. Quem fala apresenta *falhas* inerentes ao processo linguístico-discursivo e o que a terapia propõe é, também, que o sujeito dê valor aos seus momentos de fluência e observe que o “outro” também apresenta “deslizes” ao falar, no entanto, este não valoriza a sua *falha*, ou a percebe só depois que ela acontece (nunca antes. Não há previsão). Com o início desse processo, percebe-se, ao analisar o discurso do sujeito, que ele começa a questionar – e se distanciar, das posições discursivas que fazem manutenção a **FD da gagueira**.

Qualquer reflexão sobre a gagueira que traz contribuições para o entendimento desse distúrbio é muito importante. Vivemos um momento histórico na sociedade em que um filme sobre gagueira, *O Discurso do Rei* (2010), foi tratado com seriedade. Acreditamos que dizeres são atualizados a partir desse momento, distanciando a gagueira do cômico. Acreditamos, assim, que esse trabalho contribua para os estudos sobre a gagueira, visto que o aporte teórico utilizado é de uma teoria da linguagem, “afastando” o distúrbio gagueira daquilo que “se dá” distante da linguagem. Os trabalhos já feitos anteriormente, a partir dessa perspectiva, reforçam a importância da escuta do sujeito que gagueja, do valor do discurso daquele que é o mais “afetado”. Acreditamos que esse trabalho progride quando, a partir do discurso, observa e analisa o movimento do sujeito que gagueja. Leva em consideração um sujeito não-estaque, que ocupa posições discursivas em FDs diferentes (da gagueira e da fluência) durante situações discursivas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.R.F. **Diagnóstico e intervenção precoce no tratamento das gagueiras infantis**. Carapicuíba, SP: Pró-Fono, 1999.

_____. **Processamento da fala: aspectos da fluência**. Pró-fono. 2004.

AZEVEDO, N. P. S. G. **A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia**. Tese de doutorado. (Doutorado em Letras e Linguística) UFPB-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2006.

_____. **Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Fonoaudiologia) – PUC-SP, 2000.

BLANKEN, G et al. **Linguistic Disorders and Pathologies**. An International Handbook. Berlin. New York: Walter de Gruyter, 1993.

BOHNEN, A. J; MULLER, M. Mensurações de velocidade de fala em adultos e crianças que gaguejam. **Anais do X Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia**. Belo Horizonte, 2002.

BOHNEN, A.J. **Estudos das Palavras Gaguejadas por crianças e adultos: caracterizando a gagueira como distúrbio de linguagem**. (Tese do Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul, 2009.

CARNEIRO, C. R. Refletindo sobre a gagueira de um ponto de vista linguístico. **Caderno de Estudos Linguístico**. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

CAVENINI MP, CHIARI R, PIAZZINI A. **Improvement of a patient with stuttering on levetiracetam**. *Neurology*, 59: 1288, 2002.

COURTINE, J. J. O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, F. (org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999.

CUNHA, M. C. & GOMES, R. E. O. G. **Fonoaudiologia e Psicanálise: uma reflexão sobre a gagueira e o inconsciente.** In: PASSOS, M. C. Fonoaudiologia: recriando seus sentidos. São Paulo: Plexus, 1996.

CURTI, M. T. T. **A questão do conceito de unidade em Saussure e sua relação com a fala da criança com gagueira.** In: CASTRO, M. F. (org). Caderno de Estudos Linguístico. Campinas, SP: UNICAMP, 2010.

DRAYANA, D. **Stuttering Foundation of America** - Newsletter - Winter 2012 – Disponível em: <http://www.stutteringhelp.org/default.aspx?tabindex=923&tabid=936>

ENCONTRO NACIONAL SOBRE GAGUEIRA - ENCONTRO PERNAMBUCANO DE GAGUEIRA, 2012, Recife: UNICAP. **Anais eletrônicos.** Disponível em: <http://www.unicap.br/pages/gagueira/wp-content/uploads/2012/10/Recife-22out20121-APRESENTA%C3%87%C3%83O-S%C3%8DLVIA-FRIEDMAN.pdf>

FELSENFELD, S. **Epidemiology and genetics of stuttering.** In: Curlee, Richard F. & Siegel, Gerald M. (eds). Nature and Treatment of Stuttering: New Directions. 2nd ed. Boston: Allyn and Bacon, 1997.

_____. Kirk KM, Zhu G, Statham DJ, Neale MC, et al. **A study of the genetic and environmental etiology of stuttering in a selected twin sample,** 2000.

FEREIRA, M. C. L. **Linguagem, Ideologia e Psicanálise.** Estudos da Língua(gen). Rio Grande do Sul, UFRGS, 2005. Disponível em: [http://www.estudosdalinguagem.org/revistas/01/ferreira\[1\].pdf](http://www.estudosdalinguagem.org/revistas/01/ferreira[1].pdf)

FERRIOLLI, B.H.V.M. **A Análise de discurso como proposta clínica fonoaudiológica nos casos de disfluência da fala.** Relato de um caso. In: MEIRA, I. Tratando Gagueira: diferentes abordagens. São Paulo: Cortez, 2002.

FERRIOLLI, B.H.V.M. **Gagueira e Posição-sujeito: uma marca do Interdito.** I Ciclo de Palestras sobre a Fluência e seus transtornos: Gagueira e Multidisciplinaridade. PUC- São Paulo, 2005.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Ligia Vassalo. Petrópolis: Vozes, Lisboa : Centro do Livro Brasileiro, 1972. [Edição Original publicada em 1969].

FREUD, S. (1888). **Estudos sobre histeria**. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (vol II). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1980.

FRIEDMAN, S; CUNHA MC, (org). **Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento**. Porto Alegre: Artmed; 2001. 77-93p, 133-143p.

FRIEDMAN, S. **A construção do personagem bom falante**. São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Fluência: um acontecimento complexo**. In: Lopes DMB, Limongi SCO, editores. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Editora Rocca, 2004.

_____. **Fonoaudiologia como Lugar na Ciência**. In: FREIRE, Regina (Org). Fonoaudiologia: Seminários de Debate. São Paulo: Editora Roca Ltda., 1997b.

_____. Gagueira. In: LOPES, Otacílio (Org.). **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Editora Roca Ltda, 1997.

_____. **Gagueira: Origem e Tratamento**. 4ª Edição, São Paulo: Plexus, 2004.

_____. O caso de Amadeu. In: FRIEDMAN & CUNHA. **Gagueira e Subjetividade: possibilidades de tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

_____. Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira. In: PASSOS, M. C. (org.) **Fonoaudiologia: criando seus sentidos**. São Paulo: Plexus Editora, 1996.

INDURSKY, F. **Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura**. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo (Orgs.). A leitura e a escrita como práticas discursivas. Pelotas: Educat, 2001.

_____. **Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso**. In: MITTMANN, S.; CAZARIN, E.; GRIGOLETTO, E. (Orgs.). Práticas discursivas e identitárias - Sujeito e língua. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

_____. **O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST: uma questão de lugar-fronteira**. Rev. ANPOLL, n. 12, jan./jul. 2002.

JAKOBSON, R. **Linguística e Poética**. In: Linguística e Comunicação, São Paulo: Cultrix, 1995.

JANCKE, L., HANGGI, J. & STEUNMETZ, H. **Morphological brain differences between adult stutterers and non-stutterers**. BMC Neurology, 2004.

JOHNSON, W. **A study on the onset and development of stuttering**. In: Johnson W, Leutenegger RR, editors. Stuttering in children and adults: Thirty years of research at the University of Iowa. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1955.

KELLY, R. E. O. G. (2001). **O Buraco na Língua ou... Há especificidade no sintoma da gagueira?** In S. Friedman & M. C. Cunha. Gagueira e Subjetividade: possibilidades de tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

LACAN, J. (1960-1961) **O Seminário. Livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

LACAN, J. A formação do conceito de sujeito .Capítulo 3 – **“O estádio do espelho”** Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1988. Original: Lacan. Le sujet. La formation du concept de sujet (1932-1949). PUF, Paris, 1987.

LACAN, J. **O Seminário (livro 5): As Formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LUDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MANNING, WH. **Clinical Decision Making in Fluency Disorders**. Canadá: Delmar Cengage Learning. 3a. edição, 2010.

MEIRA, M.I.M. **Gagueira: do fato para o fenômeno**. São Paulo, Cortez, 1983.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: Orlandi & Lagazzi-Rodrigues (orgs.). Introdução às ciências das linguagens – **Discurso e textualidade**. Campinas: pontes, 2006, p. 11 – 31.

_____. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos**. Campinas. Editora Unicamp, 2007.

_____. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Editora: Pontes, 2001. Campinas, SP.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo, SP: Pontes, 2009.

_____. **Interpretação e autoria: leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. In: Achard, P. et al. Papel da memória (Nunes, J.H., Trad. e Intr.). Campinas: Pontes, 1999.

_____. **A Análise de Discurso: três épocas (1983)**. In: GADET, F.; HACK, T. (org). Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. EniOrlandi, Campinas, SP: Pontes, 1988 - 1990.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. EniOrlandi. Campinas: Editora Unicamp, 1988 - 2009 (título original: Lesvêrites de laPalice, 1975).

_____. **Por uma análise automática do discurso**. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora: UNICAMP, 1930 – 2010.

POSSENTI, S. **Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas**. In: MUSSALIN, F.& BENTES, A. C. (orgs.) Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras. Volumes 1 e 2. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

REYNOLDS, G. **O Dossiê do “Estudo Monstro”**, The New York Times, New York, 2003, p. 36-41. Disponível em: <http://gagueira.wordpress.com/2010/05/09/o-dossie-do-estudo-monstro/>

RIBEIRO, I. **O Adolescente e a Gagueira**. In: RIBEIRO, Conhecimentos Essenciais para Atender Bem a Pessoa com Gagueira. 2ª Ed, São José dos Campos – SP: Pulso, 2005.

SIMON, E. FISHER, D.Phil. **The New England Journal of Medicine**. Genetic Susceptibility to Stuttering, Boston, 2010. Disponível em: <http://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMe0912594>

SOMMER, KOCH, PAULUS, WEILLER E BUCHEL **Um novo referencial para compreender a gagueira: o modelo pré-motor duplo**. Departamento de Psicologia Experimental, Universidade de Oxford, Reino Unido, 2002.

VAN RIPER, C **The treatment of stuttering**. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, 1973.

_____. **Speech Correction: principles and methods**. 5 ed, Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, 1972.

_____. **The nature of stuttering**. 2 ed., Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1971.

_____. **The nature of stuttering**. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, 1982.

YARI, E. Genetics of stuttering: a critical review. **Journal of Speech and Hearing Research**, 39, 2005.

ANEXO